

Memórias de Barcarena



Memórias de Barcarena

Oferecimento



Realização

MUSEU DA
PESSOA

São Paulo 2023





Barcarena, no Pará, poderia ser indicada a um viajante que, querendo conhecer o Brasil, tivesse tempo apenas de visitar uma cidade. Em sua trajetória, desfilaram importantes capítulos de nosso país, da colônia até os dias de hoje. Dessa forma, a narrativa dos quinze entrevistados no projeto Memórias de Barcarena encarna a saga do povo brasileiro.

Segundo as diferentes fontes pesquisadas sobre a história de Barcarena, a região onde hoje se situa a cidade, fazia parte da antiga província do Grão-Pará, uma unidade administrativa do final do período colonial e do período imperial brasileiro. Os primeiros habitantes das terras que hoje chamamos de Barcarena, foram o povo indígena Aruans que, durante o período Brasil-colônia, foram catequizados pelos padres jesuítas. Estes se instalaram em terras doadas por Francisco Rodrigues Pimenta, onde fundaram uma fazenda com o nome de Gibrié, depois conhecida como "Missão Gibrié", erigindo aí uma igreja, que ainda hoje serve de matriz.

Posteriormente, o povoado foi elevado à categoria de Freguesia, sob a invocação de São Francisco Xavier. Em 1897 passou a ser um Distrito de Belém e em 1943 foi elevada a município. A partir de 1985, foi iniciada a implantação do polo industrial de Barcarena.

Devido a sua proximidade de Belém, a cujo território pertenceu até 1938, Barcarena foi palco de importantes acontecimentos durante os agitados anos da Cabanagem. Esse movimento, caracterizado como uma revolta ocorrida entre 1835 a 1840, teve como causa a extrema pobreza pela qual a região passava e o abandono político após a Independência do Brasil. A Cabanagem, ou Guerra dos Cabanos – ou, ainda, Revolta dos Cabanos –, teve participação de diversos setores da sociedade e o nome do movimento tem como referência as habitações dos ribeirinhos que eram uma espécie de cabana.

O nome "Barcarena" se originou da presença, no assentamento populacional, de uma grande embarcação que havia sido batizada como "Arena" vulgarmente conhecida como barca. A junção das duas palavras fez com que a localidade ficasse conhecida como Barcarena.

Assim é que Barcarena acumula camadas sem fim de histórias próprias do mosaico que chamamos Brasil. Na narração de seus moradores, encontramos desde os mistérios eternos da Amazônia até a evolução concreta da economia nacional, em sua expressão nortista e paraense. A Barcarena atual vai aparecer para nós, assim, como uma expressão das misturas entre o moderno e o arcaico, o industrial e o artesanal, entre o indígena, o negro e o branco. Deve saltar aos nossos olhos, da mesma maneira, a trajetória de povos guerreiros, quilombolas, ribeirinhos e indígenas.

São também barcos, antes das atuais estradas e pontes, que conectaram esse município de vastas extensões. Foi pelos rios que chegaram os colonizadores e os

padres; pelo mar, os africanos; igualmente em pequenos botes iam e vinham de Belém o lavrador Eduardo Angelim e o cônego Batista Campos, líderes cabanos; e é por navios que ali se escoam o alumínio, a alumina, a bauxita e outras importantes riquezas naturais do interior do Pará.

Este livro, que traz o resultado do projeto Memórias de Barcarena desenvolvido através da parceria entre a Hydro, Albras e o Museu da Pessoa, foi feito conforme o objetivo maior do Museu da Pessoa: registrar e disseminar histórias de vida que raramente seriam conhecidas pelo público.

Em conformidade com tais valores, buscamos representar a cidade de Barcarena a partir da experiência de seus próprios habitantes. Por isso, não pretendemos com essa obra trazer dados históricos precisos, tampouco desenvolver um estudo minucioso sobre os acontecimentos cronológicos dessa história “formal”.

Para desenvolver esse trabalho, foram selecionados quinze barcarenenses a partir de uma pesquisa realizada junto a diversos setores da comunidade local, e que representam um pequeno vislumbre dessa imensa riqueza cultural. Eles nos concederam entrevistas e nos contaram suas histórias e vivências, tradições e costumes, a partir da oralidade de suas memórias.

Assim, atracamos nove barcas - organizadas por capítulos - que reúnem temas caros aos notáveis barcareneses que nos contaram suas histórias.

A Barca do Mistério e a Barca da História fincam nossos pés na temporalidade barcarenense, permeada pelo mito e pela evolução cronológica da cidade.

A Barca da Viagem, a do Trabalho e a da Necessidade, por sua vez, nos trazem a dimensão das desigualdades, das necessidades e das razões pelas quais Barcarena é hoje um município plural e diverso.

Já a Barca do Riso e a da Surpresa quebram nossas expectativas com histórias surpreendentes, curiosas e marcantes do cotidiano.

Por fim, a Barca da Transformação e a do Amanhã fecham o livro e nos lembram como a vida é feita de mudanças. Barcarena, por excelência, é uma terra que definiu a caminhada e os sonhos de seus narradores.

Esperamos que nesta obra os narradores se reconheçam e que você, leitor, navegue junto e não se esqueça mais de Barcarena!



A Hydro é uma líder industrial que constrói negócios e parcerias para um futuro mais sustentável. Desenvolvemos indústrias que fazem a diferença para as pessoas e para a sociedade.

A empresa está comprometida em liderar o setor na criação de um futuro mais sustentável, criando sociedades mais viáveis ao desenvolver recursos naturais em produtos e soluções de maneiras inovadoras e eficientes, promovendo um local de trabalho seguro e protegido para nossos 31.000 empregados e empregadas, em mais de 140 unidades, em 40 países.

Em Barcarena (PA), a Hydro possui e opera a maior refinaria de alumina do mundo fora da China, a Hydro Alunorte, onde a Alumina a matéria-prima para fabricação do alumínio.

A refinaria possui mais de 2,3 mil empregados diretos e é a primeira do mundo a receber a certificação ISO 55001, que trata do sistema de gestão dos ativos, e outras seis certificações internacionais que atestam a conformidade de seus sistemas de gestão de qualidade, saúde, segurança, meio ambiente, ativos, responsabilidade social, entre outros.

A Hydro mantém alguns dos seus principais projetos na região Amazônica, com o desafio de contribuir para o desenvolvimento da região, a partir de um diálogo transparente, respeitoso e igualitário com todas as partes interessadas. Nossa estratégia de atuação busca criar impactos positivos nos territórios onde atuamos para contribuir para o desenvolvimento sustentável do território, apoiando uma transição justa, com promoção de habilidades, educação e geração de renda, preservando a socio biodiversidade da Amazônia, com respeito aos Direitos Humanos, inclusão e diversidade.

Para a Hydro, atuar com responsabilidade social também é preservar e valorizar a memória e a identidade regional. O Projeto é um importante instrumento de pesquisa e documentação do patrimônio de um povo. Identificar e registrar as manifestações socioculturais da região é reconhecer os saberes e fazeres do povo local, é divulgar a história e fortalecer a identidade, garantindo o direito à memória

Hydro



A Albras é a maior produtora de alumínio primário no Brasil e desde 1985 alimenta os mercados interno e externo com lingotes de alta pureza. A capacidade de produção anual da empresa é de 460 mil toneladas. Localizada em Barcarena, no Pará, possui cerca de 2,4 mil empregados diretos e indiretos.

A Hydro é a principal acionista da empresa, com 51% das ações dessa joint venture. O outro acionista é a NAAC - Nippon Amazon Aluminium Co. Ltd., formada por um consórcio de empresas japonesas, tradings, consumidores e fabricantes de produtos de alumínio.

A empresa foi reconhecida como uma das três maiores empresas dos setores de metalurgia e siderurgia por dois anos consecutivos no ranking "Empresas Mais" do jornal "O Estado de São Paulo". Além de receber pelo 5º ano consecutivo a certificação Ouro no Programa Brasileiro GHG Protocol, indicando que a empresa preenche pré-requisitos de padrões internacionais sobre gerenciamento ambiental das operações.

Em 2021, a Albras também recebeu a certificação internacional Aluminium Stewardship Initiative (ASI), atestando que o alumínio na empresa respeita padrões de qualidade, além de ser produzido de forma responsável e sustentável.

A Albras realiza um importante trabalho social em parceria com as comunidades locais de Barcarena. Por meio do diálogo e de ações coletivas, a empresa desenvolve diversas iniciativas que promovem a educação de qualidade e o desenvolvimento de pessoas.

Além disso, a empresa conta com um robusto programa de voluntariado corporativo, no qual os participantes dedicam tempo, habilidades e recursos para desenvolver iniciativas alinhadas à estratégia de responsabilidade social local. A Albras passou a integrar, em 2023, o Conselho Brasileiro de Voluntariado Empresarial (CBVE), entidade que promove o voluntariado dentro e fora do país, além de ser um espaço para compartilhamento e criação de experiências.

Mais do que isso, a Albras tem um compromisso de longo prazo com o Pará, que vai além da geração de empregos e renda. A empresa investe na geração de conhecimento, crescimento econômico e ambiental e valoriza a cultura e a história da região.

Albras

Benedito Zacarias nasceu em Abaetetuba, Pará. Metalúrgico, é funcionário de carreira da Albras e atualmente ajuda a transmitir o conhecimento da empresa, formando os novos funcionários.





Sobre o Memórias de Barcarena

A atuação da Hydro está pautada, principalmente, no desenvolvimento sustentável das nossas operações e das comunidades vizinhas. Junto ao Museu da Pessoa, a Hydro e a Albras trazem o projeto Memórias de Barcarena, que conta a rica história do município pelo olhar de quem a viveu. As pesquisas e entrevistas que costuram esse mosaico de histórias inspiradoras trazem à tona a tradição, a cultura e a vida do povo de Barcarena.

Com essa perspectiva, o Memórias de Barcarena relaciona esses relatos e como eles se misturam ao desenvolvimento da região impulsionado pela indústria do alumínio, que conviveu e convive com as transformações nos ciclos econômicos e migratórios, bem como nas dinâmicas sociais e culturais em constante metamorfose.

O projeto celebra a diversidade da sociedade barcarenense e resgata lembranças de antigos moradores, desde descendentes dos fundadores até indígenas, quilombolas e ribeirinhos, agregando perspectivas da comunidade à narrativa e mostrando a riqueza da identidade desse povo e suas nuances.

Com o trabalho minucioso do Museu da Pessoa, tornou-se possível a catalogação dessas memórias, que contam uma história instigante, repleta de coragem e vivacidade, uma homenagem ao barcarenense.



Sumário

- 14 A barca do mistério
- 22 A barca da história
- 30 A barca da viagem
- 38 A barca do trabalho
- 44 A barca da necessidade
- 50 A barca do riso
- 58 A barca da surpresa
- 66 A barca da transformação
- 72 A barca do amanhã



A barca do mistério



Visagem

Eu ouvi muita história. Não tinha televisão, não tinha rádio, não tinha celular. O que era o nosso passatempo? Nossos pais, as pessoas mais idosas se reuniam e vinham as lendas. Minha mãe contava que onde a gente morava tinha uma encruzilhada que ninguém podia passar de meia-noite em diante, porque sempre aparecia uma coisa que assombrava as pessoas. Chamavam de “visagem”. Ela via essas coisas no mato.

Antonio Palheta dos Santos

“Visagem, na linguagem popular do povo paraense, é uma assombrança, um fantasma, a aparição de uma pessoa morta”

Segue teu caminho

À noite, quando eu vinha da igreja, às vezes eu voltava sozinho por um caminhezinho no mato, eram dois quilômetros até chegar em casa. Como era escuro a gente usava uma lamparina, que o pessoal chamava de poronga. A poronga era assim: você pegava uma lata, colocava um palito dentro, fazia uns furos na lata para o vento não apagar e vinha. E acontecia, às vezes, de a Matinta Pereira me seguir até em casa. Tipo assim, eu venho andando e ela vem para dentro do mato, assobiando. Parece que vai varar na frente da gente. Isso eu digo porque ouvi. Nunca vi a Matinta Pereira, mas ouvi o assobio dela. Parece que vem te perseguindo, abeirando a estrada. Você anda, ela anda; você para ela para também. Isso aconteceu comigo, com meus irmãos, era costumeiro. E qual o conselho que se dava? “Não te importa, não liga, não joga pedra. Segue teu caminho que ela não vai fazer nada”. E a gente obedecia: só vinha andando quieto desde a Montanha até o Curuperé. Quando chegava próximo da casa, ela se desviava e ia embora.

Roberto Carlos Dias dos Anjos

O igarapé Curuperé é um dos mais conhecidos de Barcarena, com várias comunidades instaladas às suas margens. Curuperê é uma expressão indígena utilizada para definir um pequeno riacho, ou afluente intermitente. Kurupĩ (ĩ = rio; kurup (curuba) = cascalhos).

Você estava gelada, meu amor

Lembro que quando era adolescente, a gente viajava para um local chamado Utinga Açú, e chegando lá passava a noite reunido embaixo de uma mangueira, ouvindo histórias. Numa dessas vezes, eu escutei a história da bota. Era assim: logo de manhã um senhor perguntou para a esposa se ela tinha se deitado com ele na rede. Ela disse que não, que tinha tido bebê há poucos dias e não tinha se deitado. Mas ele insistiu, falou que sim, que ela deitou e que ele havia percebido que ela estava muito gelada. E ela continuou dizendo que não, que jamais ia se deitar com ele, porque realmente estava se resguardando do pós-parto. Aí, alguns dias depois, ele começou a adoecer (a própria filha desse senhor contou a história). Foi ficando amarelado, sem apetite, não conseguia dormir. E passava muito tempo na janela, olhando para o igarapé. Foi quando alguém disse: “Ele está mundiado pela bota, foi a bota que se deitou com ele”. Aí tiveram de levá-lo para outro igarapé e, no trajeto, foram jogando água de alho para a bota não afundar a canoa. E dizem que realmente ela apareceu para tentar afundar o barco. No fim levaram o homem para a casa de uma senhora, onde ela fez as rezas, fez os remédios e o tratou por uma semana. Foi quando ele se recuperou.

Lia Apolaro do Nascimento

Utinga açú é uma expressão tupi que significa rio ou riacho extenso/ grande de águas claras. Trad. literal. Junção dos termos 'y ("rio"), ting ("alvo", "claro") e a (sufixo nominal). Açú (grande, comprido, longo). A comunidade com esse nome fica localizada na Ilha Trambioca.

Mundiado: encantado, enfeitiçado, na linguagem popular do paraense.

A caçada da noite

Uma vez a gente estava numa espera. ‘Espera’, que a gente diz, é o seguinte: dentro do mato faz aquela armadilha e fica escondido, observando... Aí tem o inajá caindo. Inajá é uma palmeira que dá uma fruta, uma frutinha assim, que cai e atrai os bichos: cotia, veado, paca. A paca, então! E uma vez lá fomos nós e o meu tio lanternar. Lanternar é a caçada de noite. Dava-se o nome, assim, lanternar. “Vamos, vamos lá botar que está bonito o negócio”, ele disse. “Com certeza a paca vai varar lá”. Aí quando fomos chegando, vimos aquele porcão roncando, bufando. Meu tio olhou, assim, de longe: “Rapaz, isso só pode ser bicho mau, porque porco por aqui não tem”. E não tinha mesmo. Aquele porcãozão chegou no pé, ainda se esfregou ‘vaque, vaque, vaque’. Isso aí eu vi. Saci, essas coisas, é como diz, conversa, história de pescador. São coisas que a gente acha nos livros e vai contando um para o outro e vai levando à frente. Mas o lobisomem não, o lobisomem eu vi.

Raimundo Cordeiro Espíndola



Má digestão

O Mapinguari é uma espécie de um macaco muito grande, e existem duas versões sobre ele: uma que diz que tem uma boca muito grande na barriga, e outra diz que essa boca fica nas costas. Seja como for não é bom a pessoa se deparar com o Mapinguari na floresta, e uma das histórias que a minha mãe contava era assim: um determinado senhor ia de uma comunidade para outra. E na Amazônia, você sabe, as localidades são muito distantes; existem lugares que, para você ir de uma casa até outra, precisa passar um, dois dias andando. E esse homem passou o dia todo caminhando com sede e com fome. Lá por volta de três horas da tarde, ele encontrou um barracão no meio da floresta. “Poxa, mas quem é que mora nesse barracão? Nunca vi ninguém. Nunca soube que alguém morasse aqui. Mas eu estou muito cansado, vou me deitar aqui”. Era um barracão todo aberto, não tinha parede. Ele vai e se deita no barracão, com muita sede, com muita fome. E quando olha para cima, no meio da palha, tinha um espeto, um churrasco atrativo ao olhar e ao olfato. Era um fígado grande assado, chega estava assim bem tostado. E ele sentiu o cheiro. E ele disse: “Poxa, de quem poderia ser isso aqui?”. E chama, grita, chama, procura e

ninguém aparece. Ele espera umas duas horas e ninguém aparece. E o que ele faz? Ele diz: “Vou comer esse fígado. Não tem ninguém. Não aparece ninguém aqui. Eu não sei quem deixou”. Ele subiu pelo esteio, pegou o espeto e comeu o fígado. Estava uma delícia. E, depois de terminar, deu um sono profundo. Quando acordou, eram umas dez horas da noite, estava uma escuridão imensa. Ele só acordou porque ouviu um grito vindo do meio da floresta. Era a voz de alguém gritando: “Eu quero o meu fígado. Eu quero o meu fígado”. E ele querendo se levantar, mas ficou anestesiado, não conseguia. E aquele ser vem se aproximando, vem chegando. E ele querendo levantar e nada. Então, de repente, surge na escuridão o Mapinguari: “Tu comeste o meu fígado?”. Ele o homem diz: “Eu comi. Não sabia de quem era”. “Esse fígado era do último viajante que passou por aqui. Eu o comi, tirei o fígado dele, assei e coloquei aí. E tu te atrevestes a comer algo que tu não sabias de quem era. Então, por conta disso, vou te comer. Vou assar o teu fígado e vou deixar aqui para atrair outra pessoa”.

Roberto Carlos Dias dos Anjos



Fogo

Quando o meu pai se acidentou, que a serra cortou, ele foi para o hospital com a mamãe e ficamos eu e a minha irmã em casa. Aí, de repente, ela começa a chorar: “Eu vi, eu vi, eu vi”. Naquele desespero. Muito tempo depois, a gente numa resenha em casa, eu falei: “Silvia, tenho curiosidade de te perguntar uma coisa”. A minha irmã é conhecida como Silvia, mas o nome dela é Raimunda. “Silvia, quando o papai se acidentou, aquilo ficou marcado em mim”. “O que, mano? Do corte?”. “Não, eu só sabia que ele tinha ido para Belém. Eu não sabia nem o que era Belém. A questão é que tu falava assim: ‘Eu vi, eu vi’. Aí tu fechava o olho: ‘Veio dali, eu vi, eu vi, eu vi’. O que tu viu, mana?”. Ela respondeu: “Ah, eram duas bolas de fogo, fru, fruuuuuuu, vindo desse tamanho, na minha direção assim, ‘tchun’ parou bem lá e summmmmmm, saiu”.

Nazareno Muniz

Corda no pescoço

Minha vó contava que aqui, nesse terreno (onde hoje fica situado o Cabana Clube em Barcarena), aconteciam muitos enforcamentos. Aqui tinha uma samaumeira e era nela que eles amarravam a corda. Quem sabe a gente não está em cima de alguma cova de algum soldado que lutou na Cabanagem? Os trabalhadores até têm medo de ficar aqui sozinhos, porque veem muita visagem. Eles contam que ouvem cadeiras sendo arrastadas e que veem muita alma, vultos brancos, gente caminhando. Na hora que vão prestar atenção, não é ninguém, a pessoa desaparece.

Mário Assunção do Espírito Santo

A Cabanagem foi uma revolta popular que aconteceu entre os anos de 1835 e 1840 na província do Grão-Pará (unidade administrativa do final do período colonial e imperial brasileiro, que englobava a região norte do país, incluindo o atual estado do Pará). O nome advém do fato do movimento ser composto, majoritariamente, por pobres moradores das cabanas às beiras dos rios da região – “os cabanos”.

Na época, o Grão-Pará era uma sociedade composta por índios, mestiços, trabalhadores escravos ou dependentes e uma minoria branca, formada por comerciantes portugueses e uns poucos ingleses e franceses. As condições de vida eram difíceis para grande parte da população, e havia muita pobreza e fome. As elites, por sua vez, estavam descontentes com a Regência e disputavam por mais representatividade política.

O Ato Adicional de 1834 deu mais autonomia às províncias e, justamente uma contenda entre as elites locais acerca da nomeação de seu novo presidente foi o estopim para o levante popular. Os revoltosos invadiram Belém, executaram o presidente da província e proclamaram uma república independente. A revolução deixou mais de 30 mil mortos, entre revoltosos e legalistas. Os principais alvos dos cabanos eram os brancos, especialmente a elite portuguesa.

A revolução eclodiu em Belém, mas avançou para o interior do país. Foi vencida por tropas legalistas em 1840, porém suas ideias reverberaram e ecoam até hoje. Atualmente, a Cabanagem é vista como um sinônimo de resistência popular.



Nazareno Muniz em foto
de seu acervo pessoal.



A barca da história

Mude-se o nome da Missão

Em 1653 um padre chamado Padre José Delgades chegou à atual Vila do Conde com um grupo de jesuítas. Esse é dado como o pontapé para a história de Barcarena. Já havia portugueses na região, só que eles não conseguiram fazer com que os índios trabalhassem, então os jesuítas vêm para Vila do Conde, assim como para muitos lugares do Brasil, na intenção de catequizar os índios. E lá nesse local constroem uma igreja, a igreja de São João Batista, que é o padroeiro da Vila do Conde. Ela é inaugurada no dia 3 de março de 1653. Mais tarde é descoberto ouro nas margens do Rio Uraenga, que hoje se chama Arienga, e esse ouro serve para fazer os utensílios da Igreja da Vila do Conde: os candelabros, os vasos, tudo é feito com ouro do Rio Uraenga. E é tanto ouro, que eles também fazem muitos dos utensílios da Igreja de Santo Alexandre em Belém, uma das mais tradicionais do Estado do Pará, da Igreja da Nossa Senhora das Neves na Vigia e de mais uma igreja no Marajó. E Vila do Conde, quando os jesuítas chegam, quem mora ali? Os índios. As três tribos que habitavam o atual município de Barcarena eram os mortiguras, na Vila do Conde; os Gibriés, na Vila de São Francisco, que vai dar origem à sede do município; e os carnapijós, nas regiões das ilhas. Todos pertenciam ao tronco Tupi-Guarani, e eram chamados de tupinambarana. “Rana” quer dizer algo meio falsificado, porque os tupinambás moravam no litoral, e esses que viviam aqui no centro, mais na região dos tapuios, eram chamados assim: “Ah, vocês são tupinambás, mas são meio ‘rana’”. De todo modo a Missão na Vila do Conde passa a ser uma das cinco maiores do Estado do Maranhão e Grão-Pará. O padre Antônio Vieira, um dos mais importantes jesuítas da história do Brasil, morou na Missão. O Padre Bettendorff, de Luxemburgo, um dos escritores que mais deixou livros sobre os jesuítas no Brasil, também morou ali. Essa missão

se torna tão importante que todos os navios, os barcos que iam para o Baixo Amazonas, que iam para Santarém ou para Manaus, faziam troca de produtos na ida e na volta. Isso levou a uma explosão demográfica, e o local chegou a ser apelidado de Arca de Noé. Quando acaba isso? Quando o Marquês de Pombal, de Portugal, manda o irmão dele, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, vir governar o estado. Ele vem trazendo um documento chamado diretório, que determinava leis para Colônia, e uma das primeiras coisas que o texto dizia era: tem que trocar o nome de todos os indígenas, tem que batizar índio na igreja católica. Se o nome dele é Tibiriçá, Mundurucu, Paraguaçu, tira isso e coloca um nome ‘civilizado’. Isso diz no documento: qualquer nome indígena é imoral. E da mesma forma mudou-se o nome indígena dos lugares. Então, por exemplo, a Missão dos Mortiguras passou a ter o nome de Vila do Conde, que é uma cidade portuguesa. Esse dado quebra uma ideia de que um nobre, o Conde de Vila Flor, teria morado no local, e isso teria originado o nome. Nenhum conde morou aqui, nós recebemos o nome de uma cidade portuguesa por conta das exigências daquele diretório do governador Mendonça Furtado. A Missão dos Gibriés deixa de ser Missão dos Gibriés e passa a ser Barcarena, por causa da cidade de São Pedro de Barcarena, em Portugal, porque lá morava a esposa do governador, Violante Velazquez. Assim como Vila de Beja, uma vila que tem aqui próximo a nós, era a Missão de Samaúma e passou a ser Vila de Beja, outra cidade portuguesa. A Missão de Tapajós deixa de ser Missão de Tapajós e passa a ser Santarém. Em todo o Baixo Amazonas o nome das localidades foi trocado por nomes de cidades portuguesas.

Roberto Carlos Dias dos Anjos



Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal (1699-1782), foi um influente ministro do rei Dom José I. Governando com mão de ferro, tentou atualizar a sociedade portuguesa. Restabeleceu as finanças e deu impulso à manufatura, visando a independência econômica do país. Deu também apoio à educação, com a reforma de várias universidades, proibiu a escravização de índios e combateu a discriminação aos judeus. Foi o principal responsável pela expulsão dos jesuítas das colônias.

A Barcarena portuguesa é uma povoação localizada próxima ao mar, situada no Concelho de Oeiras, na área metropolitana de Lisboa, e cujos sinais de ocupação remontam a mais de dois mil anos. A Igreja Matriz de São Pedro e a Fábrica de Pólvora, hoje um centro cultural, são suas principais atrações.



Valter dos
Santos Freitas e
Mário Assunção
do Espírito Santo



Zona rural

O que nós chamamos hoje de (município de) Barcarena, não existia até os anos 1960. O que existia era a Vila de São Francisco, que foi uma colônia jesuíta fundada no século XVII. Em torno desse local existiam pequenas comunidades como a da minha família, que é o Tracuateua. A Vila de São Francisco era, então, Barcarena, e Barcarena era só um distrito de Belém.

Luiz Antonio Valente Guimarães.

1738

Meu tetravô se chamava Manoel Joaquim dos Santos. Ele veio do Marajó junto com a esposa dele, Maria Joaquina. Meu avô negro. E se estabeleceu aqui em Barcarena por volta de 1600, comprando uma grande porção de terra, que hoje é a nossa comunidade quilombola Gibrié de São Lourenço. E há um documento que comprova isso: em 1709 um indivíduo chamado Francisco Pimenta doa suas terras para os jesuítas ao ir embora pra Portugal, e no mapa está lá que o confinante dessas terras éramos nós, terreno São Lourenço. Tem nos arquivos do Município esse mapa, lá está escrito: “Terras de São Lourenço”. O título do nosso terreno é de 1738.

Mário Assunção do Espírito Santo

Figuras do passado

Um dos locais onde as pessoas se reuniam para traçar metas, para fazer a organização do movimento cabano foi o município de Barcarena, principalmente Vila do Conde e a Ilha das Onças. Aqui fazia-se a mobilização para as batalhas. Teve outros locais, muitos outros municípios do estado do Pará, mas Barcarena foi um dos pontos onde teve mais essa agitação. Para você ter uma ideia, dois dos maiores ícones da Cabanagem, Eduardo Angelim e Batista Campos, foram enterrados aqui no município. O Batista Campos morreu aqui no Furo do Arrozal, e por essa época o Eduardo Angelim morre também e é enterrado na Trambioca, perto da praia. Nossos avós contavam a história, diziam assim: “Ah, eu estive numa reunião que o Eduardo Angelim fez aqui em frente à igreja católica”. “Eu vi, eu participei de uma reunião com ele. Eu era novo. Eu não fui para a batalha em Belém, mas vi muita gente ir”. Eduardo Angelim tinha dezoito anos de idade. Lá na frente da igreja da Vila do Conde, da Igreja de São João Batista, ele conclamou a população e saiu com trezentas pessoas que seguiram a pé para Belém, e nas comunidades onde iam passando, iam engrossando as fileiras, arregimentando gente para a batalha. Tipo assim: sai do Conde com duzentas, trezentas pessoas, chega em Belém com milhares de pessoas. E nessa feita conseguem dominar, vencer a batalha e passam a governar o estado. Nossos antepassados mortiguras e Gibriés participaram dessas batalhas. Não eram índios originais, era já uma geração miscigenada, mas eles com certeza lutaram junto com os cabanos.

Roberto Carlos Dias dos Anjos

Muita gente

Por muito tempo Barcarena só tinha uns vilarejos pequenos, umas poucas famílias que moravam no Conde, Itupanema, São Francisco. Eram esses os centros. Lá no Conde, ali no São Lourenço, deveríamos ser umas quinze famílias. Mas com a chegada do projeto, veio muita gente para cá. Foi um período bom de emprego, porque as empresas, as metalúrgicas, as construções vieram para cá e precisava de muita mão de obra, só que a mão de obra não tinha preparo. O serviço que a gente podia pegar por aqui era o de vigia, pedreiro, carpinteiro, que era o mais fácil. Eu mesmo trabalhei como pedreiro, e pelo menos aproveitei e botei meus filhos para estudar, mas nem todo mundo teve a mesma sorte.

Valter dos Santos Freitas

Movimento na Cronge

Passei minha infância já na cidade, na primeira rua da cidade, que é a Avenida Cronge da Silveira, que fica à beira mar. Ali eu vivi vinte e sete anos, frequentando o comércio, as feiras, o mercado municipal. Ali nós tínhamos a feirinha do povo que vinha do interior vender farinha, tapioca, frutas, e a feira coberta, que nós chamávamos assim porque já era algo fixo. Nós brincávamos muito na feira coberta, porque tinha as barracas e a gente gostava de correr, brincar de pira-esconde, pira-alta. No terminal rodoviário tinha uma lanchonete, a Galo de Ouro, e os bancos dela eram redondinhos e giratórios. Nós passávamos horas ali rodando, girando nos bancos. Aquilo era o nosso parque de diversões.

Lia Apolaro do Nascimento

Francisco Cronge Bezerra da Silveira foi um urbanista, dirigente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), responsável pelo planejamento da nova sede de Barcarena nos anos 1960. Por seu trabalho na transferência da sede municipal da antiga Vila de São Francisco para a margem esquerda do rio Mucuruça, foi homenageado tendo seu nome anotado na principal avenida do município.





A barca da viagem



Imigrantes

Quando eu fiz o projeto de doutorado quis estudar a história da Fazenda Cafezal, que é a história de uma casa, que é uma casa de escravos que teve aqui, uma casa com muitas memórias e sobre a qual nunca se desenvolveu um estudo. Fiz um projeto e, naquela história, me deparei com o dono da fazenda, um português chamado Fortunato. Achei que a história dele poderia render, apresentei a proposta para o doutorado e comecei a pesquisar a vida dele. O projeto foi aprovado, mas eu comecei a levantar material e não tinha material suficiente para fazer uma tese de doutorado. Pesquisei seis meses o orientador me perguntou: “E aí, Luiz, o que você conseguiu?”. “Algumas coisas do Fortunato, alguma coisa do Cafezal”. “Tu acha suficiente pra fazer uma tese?”. “Acho que não”. Então ele sugeriu: “Vamos ampliar, vamos pesquisar a imigração portuguesa”. A partir daí eu fiz um levantamento sobre mil e trezentos portugueses que haviam vindo para cá. E o fato é que estudando a história do Fortunato e desses portugueses, eu também fui descobrindo uma coisa que, para mim, hoje é muito interessante. Nossa cidade é uma cidade de imigrantes. Se a gente perguntar para cada morador, todo mundo veio de algum lugar ou está aqui por alguma situação. Eu aprendi sobre Barcarena olhando a história das pessoas que migram. A história dos portugueses lá atrás me ajudou a entender muito mais e até esclarecer coisas que eu vivo aqui hoje.

Luiz Antonio Valente Guimarães

Situada às margens do Rio Aicaraú (Cafezal), a antiga Fazenda Sant'Anna do Cafezal marcou a história da cidade e ainda povoa o imaginário de seus moradores.

A Fazenda era composta por dois grandes pavilhões interligados que formavam a letra “u”. Seu casarão apresentava arquitetura neoclássica, e na propriedade ainda se encontrava a capela dedicada a Nossa Senhora Sant'Anna que, em seu interior, abrigava a imagem de São João Nepomuceno trazida por seu primeiro dono.

A fazenda passou por muitas administrações e diferentes fases econômicas. Destaca-se seu terceiro titular, Fortunato Alves de Souza, que modernizou a propriedade na segunda metade do século XIX, incrementando a produção de cana-de-açúcar e aguardente. A propriedade é cercada por mitos e lendas, como o fosso onde escravos rebeldes teriam sido lançados, e a indicação de que possuía 360 janelas. Nada disso, porém, é comprovado pela documentação.

O casarão foi demolido em 1987, e o que sobrou das ruínas da antiga fazenda se encontra em uma propriedade particular na comunidade do Cafezal.



Fortunato Alves de Souza (1817-1819/1902), natural da freguesia de São Martinho de Frazão, diocese do Porto, em Portugal, foi um influente comerciante e político português que imigrou para o Brasil e construiu seu patrimônio em território paraense. Tendo chegado à cidade do Rio de Janeiro em 1839 logo rumou para a Província do Grão-Pará, onde seus dois irmãos já estavam estabelecidos. De uma pequena firma comercial localizada na Rua dos Mercadores, canto com o largo das Mercês, em Belém, tornou-se um proeminente comerciante, com forte engajamento junto à comunidade portuguesa, o que lhe concedeu a comenda da Ordem de Cristo, em 1876, tornando-se comendador. Dono de terras, escravos e empreendimentos comerciais, Fortunato se destaca na história de Barcarena, sobretudo por instalar o engenho na Fazenda do Cafezal, incentivando o plantio de cana-de-açúcar e a produção de aguardente.



Antonio Palheta dos Santos,
foto de acervo pessoal e
Comunidade Quilombola do Cupuaçu



Arca de Noé

No século XVII a Missão de Mortigura na Vila do Conde chegou a ter mais moradores que Belém e foi apelidada de Arca de Noé. Por que isso? Aí vai entrar um elemento importante que são os aruãs, do Marajó. Esses aruãs eram desenvolvidos ao modo dos incas, dos maias, dos astecas. Faziam urna mortuária, faziam casa de alvenaria, já tinham alta tecnologia. Como muitos aruãs foram conquistados para a fé católica, e o centro de catequização mais próximo era Vila do Conde, eles foram trazidos para cá para serem catequizados. E assim foram ficando e fixando residência. Eu, por exemplo, posso dizer que sou descendente dos mortiguras e dos aruãs, porque eles e os carnapijós (e os Gibriés e os ariguenas e outros) foram dando origem ao povo mestiço que temos hoje.

Roberto Carlos Dias dos Anjos

Calábria

Meu pai nasceu na Calábria, na Itália, e veio da Itália para cá com onze anos, fugindo da guerra. Na realidade o pai dele, Antonio Apolaro, desertou e se instalou em Barcarena. Ele desertou a convite de um primo da família Cosenza, que veio anteriormente. Quando a minha avó chegou, com dois filhos, já ficou por aqui. Muita gente da família Apolaro do Nascimento, da família Cosenza acabou tombando na guerra. De outras famílias italianas também. E esses que fugiram se tornaram heróis para nós, porque senão não estaríamos aqui contando a história. Então, a covardia deles, inicialmente, se tornou um ato de coragem em relação a essa sobrevivência. Papai contava que eles vieram em navios e que aquilo foi como uma aventura. Ele viu muita gente adoecer; até crianças nascendo durante a viagem. Ele conta muito da chegada no Brasil e a experiência com um novo tipo de alimentação, paladar diferente, tudo muito diferente do que eles estavam acostumados.

Lia Apolaro do Nascimento

Minha vida é andar por esse país

Quando eu tinha cinco anos meus avós resolveram se mudar de Caxias, no Maranhão, para um vilarejo chamado Dois Irmãos, na cidade de Barra do Corda. Fomos juntos, minha mãe, meu pai, eu e a minha irmã, e eles continuaram a trabalhar no ramo de mercearia. Vivemos ali até o final de 1977, quando o meu pai deixou minha mãe com a minha irmã e veio trabalhar com extração de madeira num lugar na Rodovia Belém-Brasília próximo de Aurora do Pará. Passamos ali seis meses, até que muita gente começou a migrar para a localidade de Tailândia, que tinha surgido às margens da PA-150. Trabalhadores da região de Paragominas, Mãe do Rio, Irituia mudaram para lá, e no mês de outubro de 1978 ele resolveu ir também. Chegou a construir uma casa (na Travessa Bragança, me lembro bem), mas lá uma hora ele se animou com a questão do garimpo e falou: “Vamos pra Curionópolis”. Vendemos tudo em Tailândia e partimos no início de 1983. Lá em Curionópolis moramos dois anos, até o dia que ele falou: “Não, vamos sair, vamos pra Parauapebas”. Lá em Parauapebas ele passava três, quatro meses no garimpo, aí retornava, ficava quinze, vinte dias em casa e voltava. No início de 1986, quando a gente estava se habituando, novamente ele falou: “Vamos voltar pra Tailândia”. Como que vai entender uma pessoa assim? Nessa época eu havia concluído um curso de formação em torneiro mecânico no Senai e tinha estágio garantido na Cemig, mas não adiantou: o caminhão parou na porta de casa e lá fomos nós de volta para Tailândia..

Wagner Rolins da Silva Alves

Fugido

Meu pai nasceu em Juazeiro do Norte, Ceará. Aí no tempo do cangaço ele veio fugido pra Belém, com medo de morrer. Ele era da volante naquele tempo, e essas pessoas eram marcadas para morrer. Mesmo se fosse morar na capital ainda corria risco, então teve que vir embora para longe. Fugiu com a família e vieram morar justamente na Ilha das Onças, onde conheceu a minha mãe. Naquele tempo, a Ilha era habitada pelos europeus. Em seguida, outros nordestinos fugindo dessas coisas e até da fome, começaram a vir para Ilha das Onças também.

Ronny Nascimento

A Ilha das Onças se localiza na baía do Guajará e faz parte do município de Barcarena. Possui cerca de 19 km de comprimento e seu acesso só é possível por meio fluvial. As marés interferem incisivamente na dinâmica da ilha, que hoje, se destaca pela produção de açai. A ilha é atravessada pelo extenso e largo Rio Piramanha.

O point

Por volta de 1985 foram entregues umas quatrocentas casas na Vila dos Cabanos (em Barcarena), e como eu tinha chegado um pouco antes fiz parte de um grupo de recepção das famílias de outros estados que vinham chegando. Nessa época o colégio Anglo-Americano era o “point” de encontro. Era ali que a gente ouvia, era ali que a gente acolhia cada um, era ali que chorava no ombro de cada um. Algumas famílias vinham de bom grado, porque havia a possibilidade de um salário melhor. Já outras se queixavam, por estar onde não gostariam de estar, principalmente os filhos adolescentes. “Por que tu veio para cá?”, nós perguntávamos. E uma história comum que se ouvia era: “Eu vim para fazer meu pé de meia”. E de certo modo eu entendia, porque eu também era mais uma que tinha vindo de fora: eu nasci em Valença, no Piauí, e depois morei no Maranhão, em Altamira (PA), no Amapá, em Santarém e em Breves (PA). Eu procurava ajudar porque sabia o que elas estavam passando.

Irene da Silva Gomes

A Vila dos Cabanos é um distrito do município de Barcarena que, até a década de 1970, comportava uma comunidade de pescadores e pequenos agricultores, com pouca infraestrutura. Uma vez definida a instalação do polo industrial na localidade, foi criada em 1979 a Companhia de Desenvolvimento de Barcarena (CODEBAR), empresa responsável por executar e administrar as obras e serviços de urbanização. A Vila foi então planejada para abrigar também funcionários e familiares das empresas Albras e Alunorte, ambas, na época, pertencentes à Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) em sociedade com outras empresas privadas. A Vila dos Cabanos foi administrada pela CODEBAR até 2010 tornando-se posteriormente bairro de Barcarena.

De novo a Arca de Noé

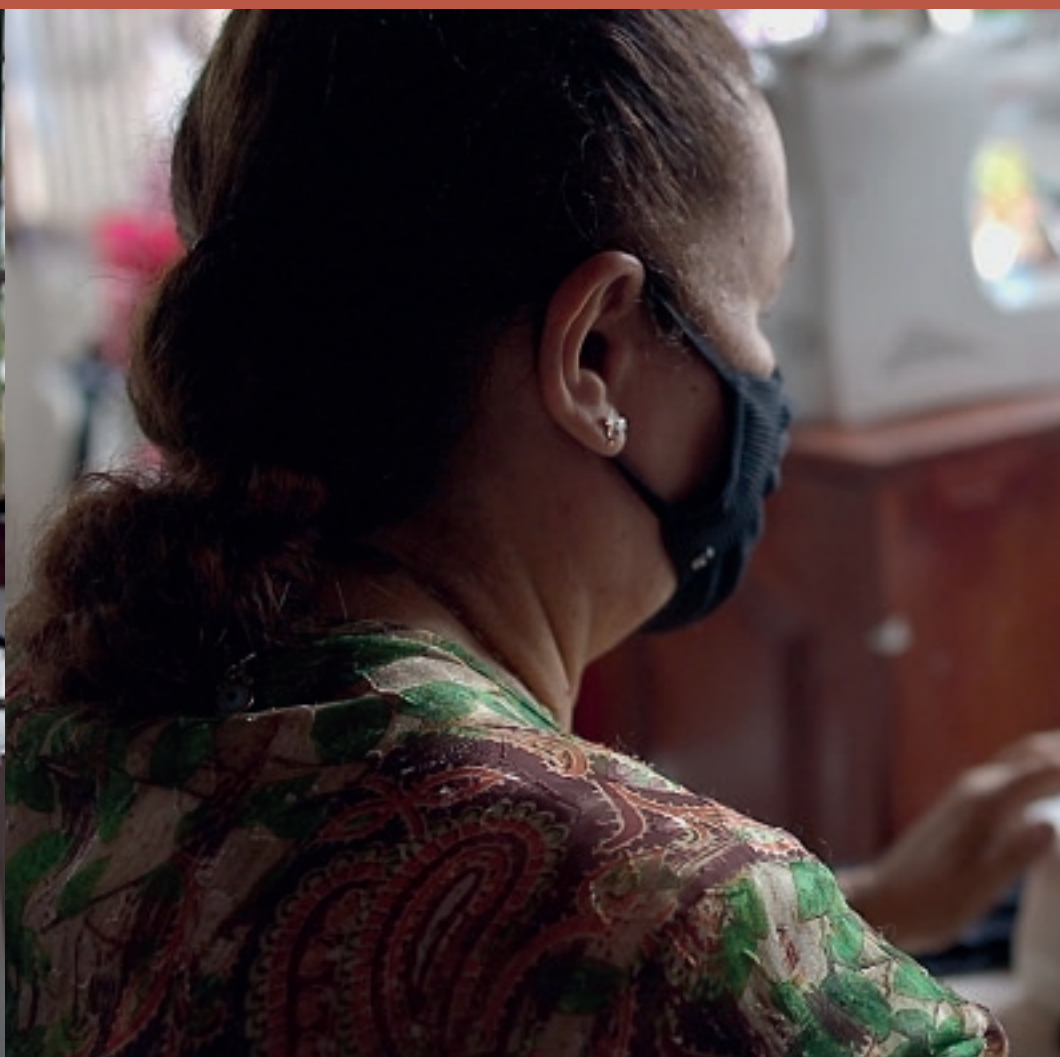
Quando começou aqui o trabalho na Albras, veio a minha família, veio quase todo mundo porque a fábrica precisava de suporte, mas não tinha ainda uma estrutura formada para receber as pessoas. Uma parte morava em hotel e eu mesmo, por exemplo, ia para Abaetetuba todo dia e voltava. Só me mudei em outubro de 1985, fui o último que vim para morar na vila. Aqui você tinha gente de todo lado: paulistas, cariocas, mineiros, mas mais, mesmo, macapaenses, porque lá eles tinham uma história de indústria e tinha muita gente experiente.

Benedito Zacarias Azevedo da Silva

Sem justificativa

Fui presidente de seção eleitoral em Barcarena, e hoje eu olho isso como matéria de entendimento sobre essa ideia do pertencer ou não pertencer ao lugar. E eu me lembro que mesmo depois de cerca de dez anos, tinha muito morador que não transferia o título do local onde ele tinha sua vida. Muita gente de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, qualquer lugar, tinha a ideia de que aqui era um local de passagem. Estava aqui, mas não ia ficar. Portanto, ele não se dispunha a transferir o título. A fila de votação, às vezes, era bem pequenina e a fila de justificativa de voto era enorme. Isso durou por muito tempo, até o morador olhar para trás e perceber: “Poxa, já passou dez anos, vinte anos e eu estou aqui. Eu não vou sair. Não vou voltar mais para o meu lugar”.

Luís Antonio Valente Guimarães



Irene da Silva Gomes



A barca do trabalho

Cedinho no rio

A gente acordava cedo e meu pai já chamava: “Bora pescar”. E tinha que ir. Com aquele frio da madrugada e tudo, mas tinha que ir pegar o peixe. Chegando lá a gente fazia o matapi, que é o utensílio que que captura o camarão. É vendido agora nas feiras, mas a gente fazia nós mesmos. Até hoje, se for fazer, eu sei. Tirava a tala do mato, que era de anajá, ou então de bacabeira, fazia, colocava ali e deixava. Ninguém levava o do outro, não tinha ladrão. E fora isso pescava, também, outros peixes. Era comum pegar pescada, sarda, mandi, mandubé, tainha, filhote, tudo com anzol. Era um anzol de linha grande, que a gente chamava de espinhel. Quando pegava uma piraíba a festa era grande porque ela podia pesar mais de cem quilos e ia ter muita comida. Hoje dificilmente se pega um peixe desse tamanho aqui.

Antonio Palheta dos Santos

Dia após dia

Desde pequena eu ia com a minha mãe ajudar a fazer uma lenha para o fogão, que a gente tem um a lenha. Apanhar açaí, caçar guarumã para fazer peneira, fazer paneiro. Tudo eu ia com ela. Ela trazia um feixe de lenha, eu vinha do lado trazendo outro. Chegava em casa, ela arrumava o fogo, aí botava água na panela para esquentar, para botar o pé de molho. Amassava o açaí no alguidar, coava na peneira. Era assim todo dia.

Maria de Nazaré Menezes da Costa

Vou entrar é aqui

Em 1984, final de 1984, o caminhão de uma construtora foi lá na fábrica em que eu trabalhava. A gente fazia lâminas de compensado, uns compensados grossos assim, que esse pessoal levava já para bater estaca na Albras. E o cara da construtora me viu trabalhando e disse: “Estou precisando de operador de empilhadeira. Bora pra lá?”. Aí eu falei: “Oh, rapaz, quanto é que tu paga?” Ele falou: “Te dou dois mil”. Na hora eu pensei: ‘Pô, o negócio deve estar bom lá’. Aí me deu curiosidade e eu vim ver o projeto. Estavam construindo a Albras na época e, por coincidência, tinha serviço para operador de empilhadeira. Aí eu vi aquilo e pensei: ‘Vou entrar é aqui’. Esperei o momento certo e, em vez de ir para a construtora do cara, vim definitivo para a Albras. Minha prima fez então um currículo para mim naquelas máquinas de escrever, e eu acabei sendo chamado.

Benedito Zacarias Azevedo da Silva

A Albras é a maior produtora de alumínio primário do Brasil, com capacidade nominal de produção de 460.000 toneladas por ano. Foi fundada em 1978, mas sua inauguração ocorreu somente em 1985. Atualmente, a Hydro é a principal acionista da empresa, com 51% das ações, e o outro acionista é a NAAC - Nippon Amazon Aluminium Co. Ltd., formada por um consórcio de empresas japonesas, tradings, consumidores e fabricantes de produtos de alumínio.

Ainda não

Depois que meu pai faleceu minha mãe não quis, em nenhum momento, ter um outro relacionamento. Sempre disse que homem era aquele que Deus deu e Deus tirou. E assim ela seguiu com a vida. Naquele tempo nós alugamos uma casinha pequena, de barro, e ela foi trabalhar na cozinha de um senhor por nome Jamil Paganini, um senhor que mexia com madeira. Antes de sair, seis da manhã, ela fazia aquele cafezinho preto, deixava um pouquinho de leite, o pão e ia embora. A partir daí nós ficávamos aguardando o retorno dela. A casa era pequena, tinha uma porta e uma janela, e de vez em quando minha irmã dizia: “Wagner, vai ver se a mamãe está vindo”. Eu metia a cara pela janela e olhava: “Ainda não”. Aquele sol de meio-dia, uma hora, a gente já naquele momento de fome, mas ela só vinha para casa depois que servia o almoço lá, depois que lavava a louça e deixava tudo organizado na casa desse senhor. Só quando era uma e meia, duas horas, é que ela voltava trazendo nosso almoço e nosso jantar no marmitex.

Wagner Rolins da Silva Alves

C-10

Nós chamávamos a caminhonete do meu pai de C-10. Não sei se era realmente a marca ou o modelo, mas tinha carroceria de madeira e era pintada na cor azul. Ele a usava para ir aos cultos na zona rural. Colocava umas tábuas na carroceria, e as pessoas se sentavam ali. Outra coisa que acontecia muito é quando chegava defunto na beira da cidade, ele se oferecia para levar o caixão do morto e a família na carroceria. Casamentos também, a noiva ia na boleia e os convidados na carroceria. Chegava alguém doente, normalmente em redes, eles só faziam tirar a rede do barco, colocar na carroceria do carro e levar para o hospital. Essa caminhonete foi usada para tudo: mudanças, transporte de motores do porto para a oficina dele, passeios de família. Uma coisa marcante era o dia Sete de Setembro, quando ele levava a gente até a praça, estacionava lá e nós assistíamos ao desfile escolar de camarote. A C-10 marcou nossa vida. Tanto que, quando foi vereador na década de noventa, um dos requerimentos do meu pai foi pedindo um carro fúnebre para o município. Eu não me recordo a frase que ele usou, mas o que ele pedia era isso: um carro fúnebre para que as famílias tivessem dignidade nesse momento de despedida.

Lia Apolaro do Nascimento

O bom da boca

Quando minha mãe começou a trabalhar em casa de família, eu e meu irmão Eliel, a gente gostava de limpar quintal aqui para a Vila dos Cabanos porque era muito melhor. Nós já limpávamos o quintal lá de casa, aquela terra, muito mato mesmo, tchá, tchá. Era normal. Mas a primeira vez que a gente veio roçar aqui, quando foi hora de receber, o camarada pagou, como se fosse hoje, quinhentos reais. Cara, pensa num dinheiro fácil que a gente ganhava! A gente limpava dois, três quintais e ficava rico pro lado de lá. Hoje seria você morar no Brasil e trabalhar onde? Na França? Que é o euro, entendeu? E receber o salário de lá e vir para cá era o seguinte: tu é o bom da boca, entendeu?

Nazareno Muniz

O rio Murucupi tem a nascente localizada próxima à área correspondente ao distrito industrial Albras/Alunorte. Ele passa pela Vila dos Cabanos, Bairro do Laranjal, São Lourenço, Boa Vista e desemboca no Furo do Arrozal, totalizando uma extensão de aproximadamente 8 km.

Não dei ninguém

No início eu pescava em barco dos outros, até que com o tempo, Graças a Deus, consegui o meu. Tinha um motor velho, de segunda. Trabalhei duro, a mulher ajudou muito e fomos para a frente. Passou mais um tempo, comecei a marretar. Marreteiro é atravessador. Minha primeira marretada foi dentro desse Murucupi: era castanha, era uxi, era umari, era bacaba, era verdura. Que o camarada, quando faz uma roça assim, no inverno, pode plantar a verdura que ele quiser: maxixe, caruru. Tudo isso dá bacana. E isso tudo a gente levava: a pupunha, o caruru, a vinagreira, feijão, jerimum. Enchia a canoinha e ia vender em Belém. Chegava lá, quatro horas depois já tinha recebido o dinheiro e vinha embora. Com isso, eu paguei o motor que estava devendo ainda e comprei um melhor, mandei fazer um barco maior e, como dizia um compadre: “A vaca foi ficando mais gordinha um pouquinho”. Criamos os filhos tudo em casa. Os nove. Não precisou dar para ninguém.

Raimundo Cordeiro Espíndola

Nazareno Muniz e, abaixo,
Irene da Silva Gomes em foto
de seu acervo pessoal.





Valter dos Santos Freitas
em seu terreno.



A barca da necessidade

A ilha perdida

Um dia desses eu vinha viajando num ônibus, entrou um rapaz e se sentou no meu lado. Ele estava meio embriagado, aí me deu um abraço e falou para os colegas: “Pense num professor bom. É esse aqui ó”. Eu fiquei envergonhado, o ônibus lotado e ele falando. Eu baixei a cabeça, sem jeito, mas ele foi em frente: “O senhor leu uma história para mim quando eu tinha lá os cinco, seis anos de idade, eu nunca esqueci. Se o senhor quiser, eu lhe conto cada detalhe daquela história”. Aí eu disse: “É mesmo?”. E ele: “É. Se o senhor quiser, eu lhe digo o nome da história: era ‘A Ilha Perdida’”. E eu me lembro até o nome da autora, era Maria José Dupré”. Eu me lembrava da história, mas não do nome da autora e ele lembrava; um rapaz, já para senhor. E continuou: “Eu sou tão encantado com essa história, que eu quero que o senhor a consiga para mim, que eu tenho o sonho de ler ela para o meu filho”. Isso é tão marcante! A Escola da Montanha era um barracão coberto de palha com esteios de pau roliço, tirados do mato mesmo. Não tinha parede, tudo aberto. Carteira também não tinha, as crianças se sentavam em bancos e apoiavam os cadernos na perna, assim, ou então se ajoelhavam no chão e escreviam no banco. Apesar de tudo isso, é lindo lembrar o que nós fizemos ali, dá muita saudade.

Roberto Carlos Dias dos Anjos

Cobra

Em Tailândia (PA), no início do mês de agosto de 1986, meu pai foi picado por uma cobra. O local onde ele trabalhava, na extração de madeira, era distante da vila, mas assim mesmo ele amarrou a perna e percorreu quatro quilômetros a pé até chegar às margens da PA-150, onde pegou um veículo até Tailândia. Ali ainda era vila, tinha pouco recurso, mas fizeram o curativo e ele foi para casa. Passou uns dias, ele melhorando, até que uma manhã falou: “Wagner, vamos no seu Antônio Chicó. “Precisa levar umas compras pro pessoal”. Seu Antônio Chicó era um comerciante lá. E fomos. Mais ou menos na metade do trajeto, já em Tailândia, ele começou a sentir falta de ar. Nós o levamos até o posto de saúde e de lá foi transferido para o Hospital Regional de Abaetetuba. Seis dias depois, no dia nove de agosto de 1986, ele veio a óbito. Nós éramos totalmente dependentes dele e passamos muita necessidade. Na época eu tinha dezesseis anos.

Wagner Rolins da Silva Alves

Vagabundagem

Não estudei porque meu pai não quis. Eu tinha um saber bom para aprender, gostava, queria, tinha vontade de estudar, mas ele dizia: “Não vou te botar pra estudar, pra ti não aprender a fazer bilhete pra namorado”. Se chegasse em casa, por exemplo, e o senhor tivesse um papel aqui me ensinando, ele tomava e rasgava: “Isso é vagabundagem”. Acabou que ele arrumou duas pessoas para trabalhar com ele, e chegou no fim um veio gostar de mim. Eu estava com quê? Dezesseis anos, estava nova ainda. E eu tive a primeira filha.

Maria de Nazaré Menezes da Costa

Mangueira

Meu marido veio para Barcarena em janeiro de 1985, para assumir um trabalho no hospital, e eu fiquei em Breves esperando, porque não havia casas aqui. Ele foi na frente e disse: “Quando tiver uma estrutura, você vem com os meninos”. Nesse meio tempo fiquei esperando. Deu um mês, dois meses e a casa não saía. Um dia botei tudo dentro de um barquinho e fui. Cheguei no São Francisco e disse: “Avisa lá que eu cheguei”. Quando ele me viu, quase caiu para trás: “Irene, vocês vão morar embaixo de uma mangueira?”. Eu achei que já tinha uma vila, era esse imaginário que estava na minha cabeça. Mas não. Em 1985, a fábrica da Albras estava sendo construída e não havia mesmo estrutura. Tinha o hospital, umas duas pensões coletivas e tipo um restaurante. E só.

Irene da Silva Gomes

Última a dormir, primeira a levantar

Em outubro de 1984 meu pai faleceu e minha mãe teve que criar os filhos sozinha. Só que um pouco antes de morrer, meu pai me deu. Isso aconteceu porque um advogado que ele conhecia falou: “Quero aquela índia ali”. E eu fui para Belém. Por que, de treze filhos, só eu? Uma vez eu questionei isso com minha mãe e ela respondeu que era para eu me formar professora, mas a intenção do sujeito não era essa, era para ficar lá e cuidar dos filhos dele. Naquele tempo era comum você ouvir dizerem: “Ah, tal pessoa vai morar em Belém com doutor fulano de tal, que vai se formar”. Na maior parte das vezes isso era mentira. Todas passaram por dificuldades. Eu sei que com dez anos eu fui morar em uma casa em que eu era a última a dormir e a primeira a levantar.

Sandra Amorim

Lanternar

Na época que estava mais difícil a comida a gente aproveitava a noite e saía para caçar (lanternar que chamava, lanternar na escuridão). A gente saía para matar, por exemplo, paca, tatu, cotia, e até alguns animais maiores, que no caso seria o veado, catitu. Matava para a sobrevivência, para se alimentar, não era para comércio não.

Valter dos Santos Freitas

Boa enrascada

Quando eu era pequeno a gente morava numa casinha de palha, palha de inajá, ubim. Ubim é um tipo de cobertura, acho que é remanescente de índio, que antes as casas eram feitas de pau. Colocava um piquete ou um preguinho, ‘tic’, e punha como telha aquilo lá. Nossa casa era assim. Aí aconteceu uma vez que o meu irmão e eu, brincando, a gente pegou uma garrafa plástica de Qboa(é bem velha essa marca) e acendeu o fogo. Olha a brincadeira! Meu irmão que ensinou: tu tinha que ficar próximo de quem está rodando o fogo. Aí ficava todo mundo em círculo, rodava e aquilo ia pingando: tchu tchu tchu. Se a gente se afastasse, podia pingar na barriga. Então, tinha que ficar perto de quem estava na vez. E assim, um dia, no fogo de boa noite, um pingo desse pegou na palha, tchu tchu tchu. A gente se virou lá para apagar o fogo e não queimar toda a casa.

Nazareno Muniz

Guarumã é uma planta amazônica encontrada em lugares úmidos, às margens de rios e igarapés. Suas fibras podem ser utilizadas na confecção de diferentes artefatos, como cestarias, peneiras entre outros. O Guarumã ainda exibe potencialidade na adsorção de metais agindo como um bioadsorvente natural.

Guarumã

Meu avô por parte de pai era um homem valente, daqueles antigos. Não era muito de amor e, para piorar, ainda arrumou uma madrastra ruim, que batia nos filhos. Meu pai sofreu com ela. Ele dizia que na mesa só podia sentar o meu avô e essa nova mulher dele, os filhos tinham que se espalhar no chão para comer. E meu pai não aceitava aquilo, tanto que lá um dia reclamou de alguma coisa. Na mesma hora essa madrastra pegou um talo de guarumã e deu no rosto dele. Guarumã é um talo que se usava para fazer o paneiro, a cesta, tinha muito lá na casa dele. Então essa madrastra pegou o talo e deu no rosto dele. Ficou quase cego. E aí o que ele fez? Se cuidou, se recuperou e um dia, com o mesmo talo de guarumã, deu uma surra nela. Só que aí não teve jeito, ele teve que fugir. Fugiu e foi parar perto de onde morava a minha mãe. Conhecemos, gostou e aí fugiram de novo os dois, porque naquele tempo era assim, o jovem fugia.

Ronny Nascimento



Roberto Carlos Dias dos Anjos

Francinaldo

O Francinaldo foi um dos alunos mais pobres que eu tive, a situação financeira dele era muito precária. A oportunidade na família dele era, eu poderia dizer, zero, de vencer. Quando eu o conheci ele estaria com seus oito anos de idade e não sabia nenhuma letra. Lembro que ele foi para a escola e assim, dentro de poucos dias, aprendeu ler e escrever. Era muito, muito inteligente. Até na época dos teatros, na culminância dos projetos, ele dava show. Eu tive muito aluno bom para fazer teatro, mas como o Francinaldo nunca. Lia

super bem e ainda me ajudava. Depois que eu dava aula de manhã e à tarde, tinha uma turma de alfabetização e ele vinha me dar uma força. Ele sabia alfabetizar os alunos. Como eu sabia, ele sabia. Eu sinto tristeza por não tê-lo ajudado mais, principalmente na parte financeira. Ele precisava de alguém que o ajudasse para que não tivesse que trabalhar tanto, mas pudesse usar a inteligência para vencer.

Roberto Carlos Dias dos Anjos



Raimundo Correia Espíndola,
conhecido como Seu Onofre.



A barca do riso

Maldito nycron!

Ah, as festas! Eu adorava uma festa, sempre ia muito bem vestidinho. A minha tia (nesse tempo eu morava com uma tia) pegava nossa roupa, lavava e metia numa goma de tapioca, depois colocava a vaselina, a pomada que a gente passava no cabelo, colocava a resma do limão, do limão galego, aquela casca e espremia dentro da goma. Ficava dura. Aí sacudia e botava para enxugar. Quando estava enxuta cada um passava a sua no ferro de carvão, e eu fazia isso muito bem. Pegava, já tinha a tábua ali pronta, preparava o ferro, ariava ele por baixo primeiro para não deixar ferrugem, tudo bonitinho, e passava. Foi tudo muito bem até que veio o nycron, a calça de nycron. Foi. Eu comprei uma, mas aquilo não era de passar, era uma roupa que já ficava certinha, o tal do nycron ‘senta levanta’. Era só lavar, sacudir e botar dobrada, pronto, não carecia nada. E eu fui passar, ferro muito quente, quando vi estava grudando. Estraguei a calça.

Raimundo Cordeiro Espíndola

Dei o braço a torcer

A gente se pendurava num galho desse aqui, pendurava dois, três, para o galho poder baixar e aí, ‘tchum’, se jogava no rio. Era a nossa vida. Sabe o que vocês chamam de amarelinha? Nós ‘chamava’ de macaca. Tinha isso também. E outra coisa era o bole-bole. O que é bole-bole? A gente pega a pedra, um monte, aquilo que tu dê para ti aguentar na mão, aí tu joga para cima e vai aparando com a outra mão, sem deixar a pedra cair. Isso, para nós, é o bole-bole. Brincava também, direto, de subir na árvore. Meu braço é torto devido eu estar subindo na árvore. Subia e caía, subia e caía. Minha vó era puxadeira e botou duas vezes no lugar, mas eu tanto caía que um dia ela disse: “Não vou botar mais não, seu filha da... Fica assim desse jeito”. E lá fiquei eu com o braço torto.

Mário Assunção do Espírito Santo

Terror na escola

A Escola Estadual Cônego Batista Campos sempre foi uma referência no município. Ali era um ponto de encontro, porque a falta das escolas no interior, nas vilas, nas ilhas, fazia com que os pais mandassem as crianças para lá. Foi um lugar onde muitas amizades começaram. Eu me lembro das pessoas, das professoras, mas principalmente me recordo do medo que a gente tinha de ir para o “quarto escuro”. Era muito falado isso: se aprontasse, ia para o “quarto escuro”. E para piorar tinha a história de um buraco, atrás da escola, onde estaria enterrado um palhaço assassino. Talvez tenham criado essa história por causa dos circos que chegavam em Barcarena. Era uma atração que mexia com a cidade e acho que a intenção era ir de encontro a essa lembrança boa que nós tínhamos com relação ao riso, à alegria. Pensar num palhaço que era o contrário disso era terrível. Todo mundo então tentava ser o melhor aluno possível para não cair no buraco. Ele era fundo e nosso medo era que, realmente, o palhaço assassino estivesse enterrado lá. Nós tínhamos uma preocupação, sempre esse cuidado de um com o outro para não ir para o quarto escuro e para não ser jogado no buraco. E eu chorava, não por medo meu, porque devido eu já saber ler e escrever, fazia tudo rápido, mas eu via colegas com dificuldade e tinha medo de que, a qualquer momento, um deles desaparecesse.

Lia Apolaro do Nascimento



João Batista Gonçalves Campos, o cônego Batista Campos, nasceu em 1782 na Vila do Acará, em Barcarena. Jornalista, advogado e sacerdote pela Igreja Católica, foi atraído pelas ideias liberais, e influenciado pelos desdobramentos da Revolução do Porto (1820), tornando-se um ativista político na província do Grão-Pará. Atuou como redator do periódico O Paraense e foi um dos líderes da revolta popular conhecida como Cabanagem (1835-1840). Faleceu em 1834, devido a uma infecção ocasionada por um corte enquanto fazia a barba. Outras fontes indicam que sua morte teria resultado de uma doença contraída enquanto se escondia de perseguição política.

Feiticeira

A gente sempre trabalhou na roça. Ia a família toda para a roça e nessa ocasião fazia-se o tacacá: a gente tirava a mandioca, tirava a tapioca, preparava o tucupi, e colocava para ferver. Nossas cuias eram bem grandes. E num daqueles dias eu ganhei um apelido do meu avô, por causa de uma planta que tem aqui no Rio Murucupi. A gente tinha acabado de tomar banho no igarapé e ele disse: “Pega cipó-alho e coloca no tucupi”. E eu fui pegar, voltei com as frutinhas na mão, joguei tudo ali dentro e ferveu. Só que depois eu não quis tomar o tacacá, porque além de ter colocado o cipó-alho e as frutinhas, eu joguei também ioioca, que é uma planta que dá aqui. Sei que envenenou o tucupi e eles quase morreram. Deu diarreia em todo mundo e a partir daí ele começou a me chamar de feiticeira: “Sua feiticeira, tu ia matar a gente”.

Sandra Amorim

A ioioca é uma trepadeira da família Combretaceae, da espécie *Cacoucia coccínea*, nativa da região amazônica. Apresenta folhas opostas ovais e flores violáceas dispostas em espigas terminais de rara beleza. Pode ser utilizada para matar fungos dos pés.

Escolha infeliz

O meu pai foi dono de uma aparelhagem de som, em Belém, que tocava todos os grandes artistas do Pará. Tocava Pinduca, tocava Vieira, tocava todos. E onde meu pai ia tocar, eu ia atrás. Às vezes implicavam para deixar entrar, porque eu era de menor, treze, catorze anos, mas a verdade é que sempre se dava um jeito. Meu pai gostava da noite. Acho que para fugir de casa, para fugir da mamãe. Eu lembro bem que uma vez ele disse: “Ei, deixa meu filho cantar aí”. Eu já sabia algumas coisinhas, e eu escolhi cantar uma música assim: “Eu sou pequeno pra entender, mas eu não sabia que o papai fosse viver com outra família”. Era do Paulo Sérgio. Fui cantar logo essa.

Ronny Nascimento

O Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) foi criado pelo Governo Federal através da Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967, com objetivo de eliminar o analfabetismo entre adultos na época. O programa teve início em setembro de 1970, contando com recursos da Loteria Esportiva, do Imposto de Renda, além de doações de empresas estatais e particulares. O movimento também conclamava a população a dar sua contribuição com o slogan: “Você também é responsável”. O MOBRAL foi difundido por todo o país, contudo devido ao pouco diálogo com seus educadores, aos baixos salários e à falta de materiais didáticos e estrutura, o programa não cumpriu sua meta. Em 1985, na transição para um governo democrático, foi extinto pelo então presidente José Sarney.



Barca da música

Virou um abacaxi

Na década de 1970 existia o movimento no Brasil chamado Mobral, que era destinado à alfabetização de adultos. E o Mobral, além da alfabetização, tinha também a preocupação de que as pessoas tivessem um modo de vida melhor em termos financeiros. E aqui em Barcarena, na época, havia sessenta produtores de abacaxi. Eles produziam, mas não tinham como escoar o produto, a fruta estragava. Então aconteceu que o diretor do Mobral aqui na época, chamado senhor Adílson, teve a ideia de criar um festival para que se pudesse vender o produto. Tipo assim, vêm pessoas para participar do movimento, e elas não só compram o produto como ainda divulgam para outros municípios. Assim foi criado o Festival. A ideia era que tivesse música, sim, mas principalmente se queria fazer alimentos com abacaxi; guloseima, essas coisas. O problema é que, com o tempo, o festival não conseguiu alavancar a venda e o abacaxi foi sendo deixado de lado. Não totalmente, claro, porque temos grandes produtores, mas a verdade é que hoje o Festival subsiste

muito mais pelos shows de grandes fenômenos da música e pelo movimento, então o Festival do Abacaxi deveria, talvez, ser mais um festival cultura e menos um Festival do Abacaxi.

Roberto Carlos Dias dos Anjos

O Festival do Abacaxi, maior evento cultural do município de Barcarena, atrai milhares de pessoas à cidade e é um de seus principais atrativos turísticos. Afinado com uma política nacional de criação de identidades regionais incentivada pelo Governo Federal, o festival teve seu nascimento em 1979, sendo um projeto do MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização de Adultos) em parceria com a Prefeitura. Foram identificados 60 produtores de abacaxi, e a proposta era promover e divulgar a produção do fruto para o público, além de buscar uma identidade comum a Barcarena.

Ai, ai, ai!

Rapaz, eu sou do tempo que os pais tinham receio de falar determinadas coisas. Hoje é simples, você tem uma pergunta, vê as informações na internet, nas plataformas digitais e tudo bem, mas na nossa época não. Tinha coisas que não se falava. E aí sei que um dia chamaram a dona Domingas, parteira, em casa. Eu e meu irmão Eliel, a gente dormia junto, e como nós acreditávamos em cegonha, nós queríamos ver ela chegar trazendo o moleque, filho da Silvia, nossa irmã. A gente acordou com aquele barulho, tal: “Bora! Faz força”. Porque dona Domingas estava lá, e puxava e pá, pá, pá. Nossa casa era de madeira, então se a gente ficasse em pé no beliche, se levantasse a cabeça, dava para ver. Tinha uma cama na sala e a dona Domingas estava lá falando: “Bora, Silvia”. E nós: “Cara, agora a gente vai ver como é que a cegonha traz o filho”. Quando nós íamos colocando a cabeça lá, a mamãe percebeu o movimento e só fez com a mão assim: “Se olhar, vão apanhar”. Aí nós, tchum, abaixamos, não vimos mais. Só deu para acompanhar o áudio: “Ai, ai, ai!”. Passados lá uns minutos, a gente ouviu dona Domingas falando: “Olhe, tu quer ter teu filho no hospital, tu vai. Se não precisa de mim aqui, eu já vou”. E mamãe disse assim: “Fique, dona Domingas, a senhora vai fazer o parto desse menino”. E virando para a minha irmã, falou: “Sílvia, se tu perder esse menino, tu vai apanhar”. Aí Sílvia se virou e teve o Jamílson.

Nazareno Muniz





Nazareno Muniz



Silvio Angelim



A barca da surpresa

O caco que virou uma TV

A Cronge da Silveira tinha três televisores. Uma vizinha não deixava ninguém assistir, era só para ela, mas as outras deixavam. Uma dessas vizinhas era amiga da minha mãe e então, toda noite, quando ia começar a novela, a gente corria para lá. Nem terminava de jantar e todo mundo já saía correndo. Meu pai ficava indignado. Naquela altura eu estava com uns sete anos. Aconteceu então que uma dada noite nós jantamos, minha mãe já tinha ido e eu fui depois, só que quase chegando lá me lembrei que tinha esquecido o lençol. Esse lençol servia para proteger do carapanã e para me cobrir, porque às vezes eu pegava no sono. Corri, peguei o lençol em casa e voltei. Naquela época a Cronge era de chão de terra. De vez em quando, a prefeitura passava e capinava, só que deixava montinhos de lixo para o carro passar e recolher depois. E alguém, por alguma razão, quebrou uma garrafa de vidro e largou ali naquele monte. E aí aconteceu que, na corrida que eu vinha levando o lençol debaixo do braço, como a rua era escura, eu pisei naquele vidro. Quando chego lá na casa e vejo meu pé, cara, aquilo estava jorrando sangue. Eu lembro que minha mãe ficou desesperada e enquanto uns vizinhos me colocaram num pequeno sofá, outros foram pegar Merthiolate, aqueles remédios, tal. Naquele dia meu pai ficou zangado e meu irmão, que já era mais velho, trabalhava numa serraria, disse: “A partir de hoje a gente não vai mais andar na casa de ninguém”. Aí, dias depois, comprou uma televisão preto e branco de vinte polegadas e a gente começou a assistir televisão em casa. Graças ao corte do meu pé a gente ganhou uma televisão.

Luis Antonio Valente Guimarães

Carapanã: mosquito, muriçoca.

Sete cercas

Minha mãe era noiva de um sobrinho. Naquela época os pais escolhiam os maridos das filhas, era pré-determinado. Você estava na janela, o sobrinho passava, olhava, o pai ia lá com a família do outro e dizia: “Olha, seu sobrinho olhou para a minha filha, acho que eles vão dar certo”. E já combinava o casamento. O dela não foi diferente. O pai viu um dia ele passando lá, achou que aquele seria o marido ideal, e aí, muito cedo, com quinze anos, os dois foram comprometidos. Ele foi estudar medicina no Rio de Janeiro e estava tudo certo, tudo arranjado, mas aí ela conheceu o meu pai. Ela conta que se apaixonou e pulou sete cercas (no Nordeste quase não tem muros) na véspera do casamento com o noivo. Fez isso para se casar, escondida na igreja, com meu pai.

Irene da Silva Gomes

Plano quadrienal

Em 1999, dona Lurdes convidou o grupo da igreja para participar do evento do Pentecostes em Belém, lá no estádio olímpico que a gente chama de Mangueirão. Nessa época eu tinha quinze, dezesseis anos, e já era apaixonado pela Maria Elisia. E aí fomos para o estádio eu, ela e mais quatro pré-jovens. Chegando lá vimos o evento e, na hora de sair, dona Lurdes falou assim: “Pega na mão para não se perder”. Era muita gente, tinha sessenta mil pessoas ali. Eu peguei na mão da Maria Elisia e fiquei meio com vergonha, porque minha mão estava suada. Eu ficava: “Meu Deus, estou pegando na mão da Maria Elisia!”. A partir daí nós passamos a conversar mais, ficamos próximos e começamos a namorar escondido. O pai dela tinha assim um jeito, ele era um pouquinho bravo e dava um certo receio de chegar lá e pedir. Então eu vivia na casa dela. Primeiro ia para ter aula de música com o professor Roberto Dias, lá da Vila do Conde. Aí, depois que acabaram as aulas, continuei indo beber uma água aqui, outra ali, sempre com respeito, sem passar o sinal. A gente gostava muito de futebol também, e eu inventava desculpa para assistir jogo lá. “A televisão de casa deu problema”. Eu sou muito brincalhão, mas na casa dela eu mudava. Quando estava com a família, eu queria que o pai dela pensasse assim: “É esse rapaz que eu quero para a minha filha”. Nós ficamos três, quase quatro anos assim.

Silvio dos Anjos

Salvador e salvo

Um dia a gente recebeu a visita de um pessoal. Eram três irmãos e um primo, e eles tinham vindo de Belém passar as férias. Naquele tempo a gente fazia a canoa, colocava vela e ia pro rio brincar. Não tinha problema, criança que se cria assim à beira d’água, aprende logo a se virar. Fomos para lá, então, e começamos a brincar, só que esses meninos não sabiam nadar, e um deles lá uma hora começou a se debater. Vendo aquilo eu deixei a canoa, saí nadando e fui salvar o menino. Tirei dali e botei pra beira do rio. Se eu não estivesse naquele lugar, ele tinha morrido, porque os irmãos também não sabiam nadar. E, talvez, eles iam tentar salvá-lo e iam até morrer junto com ele, porque lá onde estava era fundo, era difícil alcançar. Hoje está um homem. Toda vez que vem, vai em casa, me dá presente, me agradece, porque eu fui um anjo que apareceu na vida dele. E aí, depois de muitos anos, eu para mim, na fé que eu tenho, Deus cuidou de enviar um anjo para mim. Um neto meu de seis anos, um dia ele estava chegando com o outro avô na rabeta e pulou no rio. Pulou, mas não sabia que ali era fundo. E o meu sobrinho, que estava por perto, vendo, foi ajudar. Ninguém conseguia ver onde estava a criança, porque já estava no fundo, mas ele bateu na perninha dele e puxou. Se não fosse isso tinha morrido.

Antonio Palheta dos Santos

O rei na minha cola

Eu gostava de ir para uma esquina perto de casa, em que a gente se reunia para tomar umas, e naquela época tocava muito música do Leandro e Leonardo, Zezé Di Camargo, Chrystian & Ralf, Chitãozinho e Xororó. Lá uma hora eles tocavam trimmm, era o sinal para cantar. Aí eu: "Em vez de você ficar pensando nele. Em vez de você viver chorando por ele". E os meus amigos entravam: "Pense em mim, chore por mim". Eu cantava, desde criancinha eu cantava. E tive uma felicidade, uma grande realização na música, que foi um dia que eu estava em casa, 'pá, pá', e levei um susto danado. Quem é que aparece ali? Mestre Vieira. Vieira, o Rei da Guitarrada. Ele disse: "Coisinha, rapaz, eu vi tu cantando naquela banda". Era uma bandinha da igreja. "Eu vi tu cantando, rapaz. Gostei. Queria que tu fosse lá com a gente". Aí deu um medo danado, mas peguei coragem e fui. Cheguei lá, olhei, tinha uns dois ou três cantores, e achei que eu não dava conta. Virei as costas e caí fora. Aí outro dia ele me encontra: "Ei, quando é que tu vai lá, rapaz, cantar com a gente?". E eu: "Vou lá, 'seu' Vieira". Isso uma vez, duas vezes. Aí passou o tempo, beleza, estou tecendo tijolo na casa que eu tenho, tuc, tuc, tuc, fazendo lá meu serviço, pá, pá, de repente para uma coisa atrás de mim. No que eu viro 'seu' Vieira tinha encostado a bicicleta ali. "E aí, rapaz?". "Tudo bom, senhor". "Tu falou que tu ia lá, esperei tu, tu não foste". Eu disse: "Tá,

seu Vieira, eu vou". E no que eu olho, ele desce da bicicleta e fica escorado ali. "É tu mesmo que está fazendo essa casa, rapaz?". "É". "Vai demorar?". "Não, falta pouco". Aí trabalhei um pouco, virei, o 'seu' Vieira ainda estava lá: "Vou esperar, quando acabar eu te levo". Meu irmão, chega a perninha tremeu. Pois ele me esperou e me levou na casa dele, mostrou tudo lá. Quase eu morro do coração. E fora essa teve outra vez que quando eu entrei para a banda, passado uns dias, ele disse: "Nazareno, a gente vai gravar CD Lambadão do Vieira e tu vai ser o cantor". "Tá bom". Aí de novo marcava o horário, no horário que ele ia nunca dava para eu ir. Nisso marcou para gravar na Digirecords, lá na Ó de Almeida, em Belém. "Nazareno, amanhã, sete horas, eu passo lá". Aí eu tirei uma de dormir até sete horas. Quando ele passar, não estou pronto. Chega a hora, para lá o carro. "Ei, Nazareno". "Ah, 'seu' Vieira, ainda nem tomei banho. Quando é que o senhor vai de novo?". E ele falou: "Não, toma teu banho lá". 'Seu' Vieira me esperou. Não que eu fosse bom não, foi é coisa do divino mesmo. Ele me levou e gravei o Lambadão do Vieira. Foi em 2002, o CD saiu em 2004. Depois disso, surgiu até um tom meio assim de inveja, de brincadeira, todo mundo: "É, o Nazareno agora é profissional."

Nazareno Muniz



Joaquim Lima Vieira, Mestre Vieira, foi um músico popular, artista e compositor paraense. Nascido em Barcarena, no dia 29 de outubro de 1934, aprendeu sozinho a tocar banjo aos cinco anos; logo passando para o violão, o cavaquinho e o bandolim, instrumento que lhe rendeu o título de “melhor solista do Pará” em um concurso de calouros da Rádio Clube de Belém. Na época tinha 14 anos. A necessidade de trabalhar o fez se afastar da música, carreira que retomaria anos depois. Aos trinta anos, ainda dividia seu tempo das composições com outros trabalhos.

Vieira misturou ritmos como o merengue, mambo, com o Carimbó e o Choro criando, assim, a Guitarrada, uma nova forma de se tocar guitarra. Conseguiu o sucesso no final da década de 1970, com o LP Lambada das Quebradas (1978). Mestre Vieira é considerado como um dos criadores da lambada. Em 2005 a Câmara Municipal de Barcarena diplomou-o como Patrimônio Histórico e Cultural do Município e melhor Guitarreiro do Mundo. Mestre Vieira faleceu no dia 02 de fevereiro de 2018.

Primeira partida

6 de julho de 1985 foi o dia escolhido para começar a história do alumínio em Barcarena. Não foi a data da inauguração, foi a data da partida. A gente teve todo um preparo antes, claro, foram meses de treinamento. E naquele dia nós arranjamos tudo com cuidado, porque você leva sessenta e quatro horas preparando antes de iniciar o processo. Tem o aquecimento, a montagem, tudo isso. A gente vai partindo devagar, e se eu me lembro bem, partimos essa primeira cuba por volta de oito horas da manhã. Ninguém imaginou que a Albras ia chegar ao que é hoje. Eu, com certeza, nunca imaginei. A gente pensou que ia ficar naquelas duas reduções, que são as áreas onde acontece a transformação da alumina em alumínio. E só. Mas hoje, quando a gente se dá conta da proporção do negócio, a gente fica admirado.

Benedito Zacarias Azevedo da Silva



Ronny Nascimento

Sangue, sangue, sangue

O meu pai sempre saía à noite para levar a mercadoria a Belém, só que para dar certo tinha que estar tudo arrumado à tarde. E uma vez, quando chegou três horas da tarde, mais ou menos, ele já tinha arrumado tudo, mas lembrou que alguém tinha encomendado tala, essas talas de fazer pipa. Ele disse: “Ah, vou tirar a tala do homem”. E eu fui atrás. Nesse dia ele pegou a canoa grande, porque a pequena não estava no porto. Ao chegar no igarapé, encostou a canoa, tal, subiu para tirar a tal tala, que é perto do igarapé. Quando subiu, que foi cortar, meu pai deu

o primeiro golpe com muita força, cortou o talo do jupatizeiro, jupati, e feriu o próprio pé: “Meu filho, eu me cortei”. E ali, o sangue espirrando, tudo, não conseguiu mais andar. Ele veio engatinhando até a canoa e você só via sangue, sangue, sangue. Eu era muito pequenininho, devia ter uns seis anos na época, não dava conta de ajudar. Ele ainda conseguiu remar um pouco, mas aí desmaiou de tanto sangue que tinha perdido. Eu peguei, então, o remo grande e consegui botar aqui no meu lado, só para a canoa ir na direção, para pegar o Rio Piramanha, porque ali já era tipo uma rua que passa todos os barcos. Aquele rio era a minha rua. Quando vi um pescador eu gritei, ele encostou na nossa canoa e levou meu pai até em casa.

Ronny Nascimento

Cozido de cetáceo

No início dos anos 1970 eu trabalhava com um camarada que se chamava Genaro Apolaro. Ele morava lá na boca do Murucupi. Esse terreno daqui até Itupanema, num porto que tem lá perto do Praia Bar, era deles tudinho. O nome desse porto era Porto da Enseada porque ficava cheio de canoa à vela que vinha de Abaetetuba, Muaná e até de Cametá embaixo do geralzão. O geral é esse vento que sopra à tarde, que dá maresia na beirada. Ficava cheio. E foi então que um dia varou esse bicho, veio daqui da Baía do Marajó. Começou a aparecer boiando, vinha só na flor da água, devagarinho, e vinha e vinha e vinha. Quando passou lá perto, ele foi bisbilhotar e ela ‘sentou’, mas como é raso ali, o rio, ela não teve como se instalar e, de repente, boiou de novo. Ele corria em cima, ele e mais outro no barquinho, e aí não sei se foi ele ou se foi outro, mas deu logo um golpe na cabeça dela, assim, meteu uma corda e amarrou. Foi. Pronto. A bichinha ficou fraca. Ele disse: “Rapaz do céu, que peixe será esse?”. Ninguém conhecia, até que um disse que era baleia. Nisso ele amarrou o barco no lado dela, mas ela saía arrastando. Aquilo, para ela, era o mesmo que nada. Nesse meio tempo, em Barcarena, tinha um camarada que tomava conta, tinha um posto bem lá na frente, que era do Claudomiro Miranda. Esse camarada tinha uma canoa grande, que era de apanhar combustível em Belém. Eu sei que chegou lá de frente da cidade, ele encostou na beira com o bicho amarrado do lado. Aí muita gente foi espiar, foi para ver. Eles queriam sair, queriam dar mais uma volta, mas ela pegou, levava os dois; parece brincadeira, arrastava. Começaram, então, a atirar e foram amofinando a bicha. Foi, foi até que, quando ela chegou onde ele

morava, ela já estava bem mufina. Ela passou o dia inteiro e a noite inteira andando com eles no rio aí. Foi. E quando foi uma meia-noite, parece, conseguiram chegar com ela. Aí já na casa dele. Ele morava bem lá na boca do igarapé, eles conseguiram ensecar ela. Ela ensecou, ele pegou, levou a corda, amarrou e levou para a terra. Quando foi umas cinco horas da manhã, eu morava aqui dentro do igarapé, a gente escutou aquele estorro grande, parecia um trovão, brummmm. Aquele barulho. Foi ela que deu o estorro, arribou o rabo e deu aquele baque. ‘Pá’, morreu. Quando viu o que tinha acontecido, ele disse: “É, agora não tem jeito”. Aí o que fez? Chamou a outra canoa, do posto, amarraram do lado dela, e levaram. Quando chegou do lado do posto, desmancharam e ela ficou lá. Aí chama trator, arruma trator para puxar essa baleia para a terra. Deu um trabalhão, não sei nem quantos tratores tinha, mas passou para o lado da rua, que tem a pracinha lá no meio e ficou lá. Quando botou a baleia em terra, ele abriu a boca dela e ficava assim na frente dela. Aí começou a cortar e desceu aquele sangue na praça, na rua. E foi dando lá para o pessoal, quem quisesse. Como eu trabalhava com o Genaro, um dia cheguei lá, ele disse: “Raimundo, já comeste baleia?”. Eu disse: “Nunca”. “Tu vai comer agora”. Ele sabia fazer um cozido bacana. Sei que cortou, ficou tipo um charque para botar num arroz, alguma coisa. Temperou, botou para ferver e me chamou: “Bora ver se tu vai comer”. Eu digo: “É, bora ver”. Aí experimentei com ele e desceu bacana. Ora se desceu. Desceu, sim.

Raimundo Cordeiro Espíndola



Silvio Angelim com seu filho e,
à direita, Irene da Silva Gomes.

A barca da transformação



Ali é do compadre

As casas sempre foram espaçadas no Curuperé. Na época em que meus avôs tinham um terreno grande, o vizinho tinha outro terreno grande também, então você via uma casa aqui e outra a muitos metros, até quilômetros de distância. E os terrenos não eram cercados. As pessoas diziam: “Meu sítio vai até a árvore tal”. Não tinha nenhum pico, alguma coisa delimitando, era só uma seringueira, uma açazeira, uma castanheira. Meu pai, por exemplo, dizia assim: “Até naquela castanheira é nosso, nós podemos pegar o cupuaçu, nós podemos apanhar o açaí, nós podemos pegar a castanha. Agora, daquela castanheira para lá já é do compadre fulano de tal, ninguém pode pegar”.

Roberto Carlos Dias dos Anjos

Sem dinheiro

A castanha, o bacuri, a farinha, o carvão, tudo era colocado nas canoas e levado para vender em Belém. Nós não tínhamos gás, botijão de gás. O que tínhamos? Os fogões à lenha. Então os meus antepassados faziam aqueles feixes de lenha e levavam para vender em Belém. A madeira seca, as frutas, camarão, peixe. E além de ser vendido nessa época havia também a troca. Isso costuma até hoje, tu faz a farinha: “O Lucas fez farinha hoje. Então, eu vou lá emprestar duas latas, três latas dele”. Aí eu ia, te emprestava, tu pegava, me emprestava, quando eu fazia a minha, eu te dava. Ou então: “O Lucas foi pro Rio, trouxe muito peixe. Eu vou já lá trocar uma lata de farinha por peixe, camarão...”. Era comum: “Eu vou levar uma tapioca, vou levar um tucupi para trocar”. Era assim que se vivia na comunidade quilombola. Eu amassei um açaí, vou trocar com o tio Pedro, com a tia Maria. Trocar o açaí com um pedaço de gurijuba, com um pedaço de carne, um porco, uma galinha. A mamãe conta que ela ia na taberna e ela trazia fumo, açúcar, café para a minha vó. E o dono da venda trocava o ovo pelo sal, pelo açúcar. Não tinha dinheiro, não circulava dinheiro.

Mário Assunção do Espírito Santo



Acima Roberto Carlos e
ao lado Sandra Amorim

Doida

Eu tive a criança às cinco da manhã e, como minha mãe estava doente, não pude contar com ela. Só meu irmão estava em casa, e uma hora ele falou: "Vou comprar peixe, vou fazer um caldo pra ti". Ele veio, lavou o peixe, botou limão e cozinhou. Aí a minha vizinha, que era como se fosse parente nossa, mais que parente, ela entrou em casa, me viu comendo peixe de pele e falou: "Tu não pode comer isso, tu teve o menino, faz mal. Eu matei uma galinha pra ti". A vida no interior era assim: tinha essa ligação entre as pessoas, essa solidariedade. Hoje é diferente, os costumes antigos se perderam. A juventude então, meu Deus do céu, o que a gente falou lá no passado, o que eu ouvi do meu pai, o que eu ouvi do meu avô, nada serve. Para eles é assim: "Tsi, a senhora é doida".

Sandra Amorim





Trans gaveta

E Por volta dos anos 1960 havia uma intenção dos prefeitos de mudarem a cidade para a curva do rio, que é o Mucuruça, porque ele faz um contorno mais amplo, e o circuito marítimo todo passava por ali. Os barcos que vêm e vão para o Amazonas vão e vêm por essa via, e naquela época Barcarena ficava mais dentro, não desenvolvia. Então, nos anos 1960, depois de muitas tentativas, a cidade acaba fazendo o processo de mudança da sede para lá. O prefeito, na época, se chamava Raimundo Alves da Costa Dias. Era o Didão. Ele concretizava, assim, um sonho de outros prefeitos. E quando a cidade inaugura lá, nesse pequeno núcleo, os governos começaram a tentar povoar, porque todo mundo, inclusive a minha família, morava na zona rural. A gente morava no Tracuateua, outros moravam no Mangarito, outros no Murucupi. E os prefeitos começaram a fazer visita nas casas das pessoas, convidando para se mudarem para lá. Qual era a promessa? “Olha, vão para Barcarena, porque lá vai ter escola, hospital”. Em troca, ofereciam também um terreno. Quer dizer: as pessoas podiam chegar lá, pegar um terreno e ainda davam madeira para elas virem morar. Apesar disso nós só saímos dez anos

depois, em 1970. E ainda assim meu pai relutava, porque minha mãe criava porcos, galinhas, tinha roças. Ninguém queria sair, muito, da zona rural. Até que um dia todo mundo estava crescendo e precisava estudar. Meus irmãos estavam jovens, adolescentes e a escola, aqui, só ia até, sei lá, o ensino primário. Então, convencidos disso, minha mãe e meu pai resolveram ir morar em Barcarena. Isso deve ter sido nos anos 1970, 1971. Eu estava com cerca de dois, três anos quando eles começaram a construir uma pequena casa na Cronge da Silveira. Com relação a essa mudança, aliás, tem um caso inusitado: até hoje na casa da minha mãe tem um pequeno guarda-roupa, um pequeno roupeiro de gavetas e, cara, eu tenho a sensação de ter vindo dentro dele. Era um dia de chuva e colocaram os móveis dentro de uma canoa, de um pequeno barco, umas cadeiras, uns banquinhos, umas mesinhas e esse guarda-roupa, esse pequeno roupeiro. Lá uma hora começou a ficar nublado e a chover, e eu me recordo dela ter aberto a gaveta e me colocado lá dentro.

Luiz Antonio Valente Guimarães

Igual à do Ronaldinho

Hoje tu vai na ilha, onde tem muito açaí e coisa, um jovem não quer vir para a cidade. Por que ele não quer vir para a cidade? Porque lá ele vai se tornar consumidor de droga, ele vai ser vítima do tráfico de droga, ele vai ser vítima do latrocínio, de ser morto. Antigamente era o deslumbre: “Ai, eu moro na cidade”. Pergunta para o jovem da ilha. O jovem da ilha hoje, meu irmão, tem um ‘martfone’. Como é que chama, que eu não sei nem falar? Desse tamanho assim. O jovem tem a própria rabeta dele, que vai de comunidade em comunidade, passeando e vendo. Ele desce lá no porto, sabe com o quê? Com o sapato daqueles melhores, da ‘Olimpos’. Mas não é qualquer ‘Olimpos’ não, filho. Tá? Ele desce com uma camisa da Nike, com a chuteira. Não é como ‘diz nós’, chuteira peba, não. É chuteira daquela que o Ronaldinho usa.

Mário Assunção do Espírito Santo

Olhando, contemplando

O porto teve um impacto muito grande na Vila do Conde, porque navios de outros lugares, de todo o mundo, começaram a vir para cá. É um local estratégico, tem uma localização geográfica favorável, e ainda por cima é profundo, dá o calado na maré cheia ou na maré baixa. Tudo isso levou à escolha do lugar para implantar o projeto. Esse foi um, virão outros. A ferrovia, enfim. Tudo vai aumentando e isso é uma coisa que tem que acontecer. O que a gente espera é não ser muito atingido, porque a gente ama o lugar onde a gente nasceu, onde constituiu família, onde vive. Lá onde a gente tem o sítio passa um rio, e volta e meia eu vou lá só para observar a maré crescendo, vazando. Fico só olhando, mais nada. Será que um dia meus netos vão ter a felicidade de contemplar isso?

Antonio Palheta dos Santos

O Porto de Vila do Conde se encontra na Ponta Grossa, município de Barcarena, à margem direita do Rio Pará, a uma distância fluvial de 55 km de Belém. É um dos maiores do Brasil. Foi inaugurado no dia 24 de outubro de 1985 e está integrado ao Complexo Portuário Industrial de Vila do Conde. O porto possui privilegiado posicionamento geográfico, bem como uma grande extensão de frente acostável, o que resulta em fácil acesso marítimo e fluvial. A instalação, que compreende uma área territorial de 3.748.891,74 m², ainda é acessível por vias de tráfego asfaltadas e iluminadas, totalmente adequadas à utilização para o transporte de cargas. O porto é munido de instalações como píeres, áreas de armazenagem e um terminal de graneis líquido (TGL).



Valter dos Santos Freitas
e grupo musical.



A barca
do amanhã

Melhor

Barcarena tem tudo para ser um município melhor, mais acolhedor. Eu, por morar há doze anos aqui, considero uma cidade muito boa de se viver, apesar de todos os problemas. Não é uma cidade violenta, é uma cidade pacata. Se a gente for comparar Barcarena com o sul do Pará, é muito diferente. Na própria política aqui não há esse acirramento todo, como existe em outros municípios. É uma pena que os gestores anteriores, a partir aí dos anos 1980, não tenham tido uma visão empreendedora, uma visão de futuro, mas Barcarena, no meu entendimento, tem tudo para continuar progredindo.

Wagner Rolins da Silva Dias

Pedra Lascada

“Mário, tu quer voltar lá pra Pedra Lascada?”. Não, não quero voltar pra Pedra Lascada. Eu quero é ser respeitado enquanto pessoa. Que o grande capital venha, mas respeite a minha água, o meu rio. Para um grande projeto vir para cá, eu, enquanto quilombola, tenho que ser consultado. O meu primo indígena de Santarém, do Baixo Acará, do Moju, de Altamira, todos têm que ser consultados. De que jeito vem? A que custo? “Ah, porque o índio é vadio”. Ele não é vadio. É que a cultura dele não é essa. Qual é a maior riqueza nossa? É isso aqui, é essa sombra, é eu descer pro igarapé, pegar meu camarão, pegar meu peixe e deitar na rede. Tu precisa de um carro? Eu não. Tu quer dez milhões no Banco? Eu não. Tu quer sentar num restaurante bonito, comer um pedacinho de carne com um molhinhozinho lá, com quatro folhinhas, e dar quatrocentos reais nesse prato? Eu não. Para nós o que vale é ter uma cuia de açaí, um pouco de farinha, um pouquinho de camarão e um pedaço de peixe. Essa é a nossa cultura.

Mário Assunção do Espírito Santo

Barcarena do futuro

Eu acredito que Barcarena todinha vai ser um polo industrial. Não digo o lado de lá, a sede, mas aqui, porque a gente vê pelas conversas, por seminário, por debate, por audiência pública, que é uma questão de logística. É muito fácil ter acesso ao oceano, são cento e vinte e três quilômetros. É uma rota fácil e os olhos dos empreendedores estão voltados para essa parte da cidade. E quanto à Barcarena do futuro, eu só posso dizer que fui em muitas cidades que têm menos imposto e que são cidades top. A gente não quer muito, a gente quer a saúde, a educação. Dentro da minha comunidade não tem saneamento básico, então a gente tem que fazer a fossa. E não é só na nossa, acontece em outras comunidades também. Acho que é hora de mudar essas coisas.

Sandra Amorim

Post mortem

Eu tenho vontade de fazer uma escola de música. Não eu dando aula, que não sou professor, mas ter uma escola para as crianças carentes, para elas ocuparem seu tempo. E penso numa casa de eventos, numa escola de futebol, essas coisas. Daqui um ano, quem sabe, consigo realizar pelo menos a escola de música, porque eu tenho muitos amigos aqui que querem ajudar a dar aula. Eu quero que saia dali um Vieirinha, guitarra solo. Eu quero que saia o cara que toca banjo, carimbó. Eu quero que saia o cara que compõe: “Tu compõe? Mostra aí”. É isso que eu quero, quero ajudar as pessoas da minha ilha, da minha cidade. Até outro dia teve uma pessoa que falou umas besteiras, e eu coloquei assim: “Eu vou deixar uma história e vão lembrar de mim pela minha música, pelo trabalho que eu deixei. Eu sou barcarenense até depois da morte”.

Ronny Nascimento

A vida antimoderna

Barcarena melhorou? Melhorou. E com fé em Deus vai melhorar, mas é uma cidade que não se preparou para a modernidade. Minha irmã veio de São Paulo outro dia, viu a nossa casa lá e: "Olha, tem que fazer muro". Eu falei: "Mana, em São Paulo eles chegam e fazem a mudança, não é?". "É". "Pois é, mas aqui eu ainda consigo me sentar em casa, com a porta aberta. Não quero ficar com esse medo não". Tem que aproveitar enquanto a gente consegue viver um pouco a vida antimoderna. Eu, que sou do tempo da lamparina, gosto quando acaba a energia e aparece a beleza da lua. Adoro quando vai embora a luz, 'puh', e apaga tudo. Na pandemia, no foco aí desse Covid, a gente não ouvia barulho e eu saía fora escutar o silêncio da noite.

Nazareno Muniz

Um novo olhar para a cidade

Eu tenho um trabalho guardado, da época do ensino médio, uma pesquisa que acredito que seja do ano de 1993. Por conta dela eu conversei com pessoas das empresas que chegaram, pessoas que migraram atrás de emprego, pessoas que conseguiram, que não conseguiram. Uns foram remanejados para um lugar e outros para outro. Em vez de um acordo entre o poder público e as empresas havia conflitos, e quem sofria era a população. Para ter uma ideia no final de 1999 eu fui trabalhar numa escola multisseriada da zona rural. Eram vinte e cinco alunos, e nós tínhamos treze carteiras, ou seja, os maiores chegavam e se sentavam, os menores ficavam deitadinhos no chão. Não tinha material e a merenda era tão precária que um dia tivemos que ir para o igarapé pegar camarão e preparar um macarrão. Minha primeira aula foi na areia, escrevendo com gravetos. Essa era a realidade. A empresa batia na porta da Secretaria de Educação ou da prefeitura e eles não davam as mãos, não se pensava no coletivo. Mas aí, com o passar dos anos a gente percebeu uma tentativa de alinhamento. Eu, por exemplo, participei de projetos direcionados a professores, como o "Entre na Roda", o "Catavento", que foram patrocinados por empresas. Nós temos a escola tecnológica, a escola técnica que vai ser concluída agora graças ao investimento de vinte e cinco milhões dessa empresa que para nós era o monstro, era o explorador, era do mal e agora está abraçando essa reconstrução. Ainda falta muito, mas imagino que meus filhos estudarão lá, se preparando para vivenciar esse progresso que a cidade tem para viver.

Lia Apolaro do Nascimento



Era até ali, não é mais

E Barcarena é uma cidade que, talvez, não haja possibilidade de a gente pensá-la pequena. Por conta do que nós temos aqui, ela é uma cidade do capitalismo de ponta do país. As empresas ditaram um ritmo, e nós não temos como pensá-la como uma cidade que vai retroceder. Talvez se possa, sim, imaginá-la crescendo exponencialmente em termos populacionais e economicamente por conta da demanda de riquezas. A gente nunca imaginou que Barcarena fosse ficar do tamanho que está, e volta e meia você vê alguém dizendo: “Poxa, a cidade era até ali”. Aí você vê uma rua, já não está com o tamanho que tinha, já está chegando em tal lugar. As construções nunca estão quietas. Eu passo por uma casa esse ano; um tempo depois, quando volto, já está diferente. Não há como olhar as coisas do mesmo jeito, não há um dia que a gente não veja um bairro que tenha crescido, uma nova extensão de coisas, uma nova empresa chegando e uma nova demanda de moradores vindos de outros lugares. É um fato, é assim, é difícil imaginar cidades estáticas.

Luis Antonio Valente Guimarães



Mini-biografias



Antonio Palheta dos Santos

Seu Antonio é eletricista e representante da comunidade católica de Vila do Conde, Barcarena, onde nasceu no dia oito de novembro de 1957. Até hoje é um dos principais organizadores das festividades religiosas da Vila, entre elas os círios de São Francisco Xavier e São João Batista, os mais importantes da região.



Benedito Zacarias Azevedo Silva

Nascido em Abaetetuba, Pará, no dia cinco de novembro de 1960. Metalúrgico, é funcionário de carreira da Albras, estando presente na primeira produção de alumínio de Barcarena. Atualmente ajuda a transmitir o conhecimento dessa indústria, ensinando e formando os novos funcionários fabris da empresa.



Irene da Silva Gomes

Piauiense de Valença, nasceu em dois de junho de 1958. Mudou-se bastante na infância, acompanhando seu pai nas obras da Transamazônica. Já nos anos 1980, decidiu por conta própria juntar-se a seu marido na Vila dos Cabanos, Barcarena, onde exerce a profissão de pedagoga, professora e diretora escolar.



Lia Apolaro do Nascimento

Barcarenense do dia 17 de agosto de 1976, é filha de Genaro Apolaro, responsável pela caça da baleia que encalhou em Barcarena em 1974 – uma das histórias mais famosas da cidade. Mas Lia é também poeta, pedagoga e professora, trabalhando na educação especial, infantil e EJA nas zonas rurais. Atualmente, está na Secretaria Municipal de Educação, dando aulas de Língua Portuguesa.



Luiz Antônio Valente Guimarães

Conhecido no Pará como Professor Leno, nasceu em 25 de agosto de 1970, em Barcarena. De origem ribeirinha, foi ligado à vida rural até a adolescência, quando foi estudar em Belém com seus irmãos. Leno é Doutor em História pela UFPA e atualmente desenvolve o ensino no seu município, sendo considerado um dos historiadores mais importantes de Barcarena.



Maria de Nazaré Menezes

Nasceu em oito de setembro de 1937, no Sítio Capuó, na Barcarena Velha. Dona de casa e agricultora desde criança, é guardadora dos mistérios da região do Cafezal e seu casarão da época da escravidão.



Mário Assunção do Espírito Santo

Nasceu no dia dois de fevereiro de 1975, filho do quilombo Gibrié de São Lourenço, um dos maiores de Barcarena, em terra registrada desde 1709. Mário é pedagogo e um dos líderes populares da preservação e respeito às comunidades indígenas e afrodescendentes de Barcarena, lutando pela conservação do meio ambiente e pelo reconhecimento da posse de terras tradicionais.



Nazareno Marinho Muniz

Barcarenense do dia 13 de outubro de 1974, Nazareno é um dos mais proeminentes compositores da cultura amazonense e municipal. Discípulo de Mestre Vieira e estrela do Festival do Abacaxi, canta Barcarena em seus carimbós, bregas e músicas folclóricas. Hoje em dia, tem se dedicado a projetos culturais escolares para a preservação da cultura local.



Raimundo Correia Espíndola

Seu Onofre, como é conhecido, nasceu na boca do rio Guajará da Serraria, município de Barcarena, no dia 12 de junho de 1950. Atualmente aposentado, foi pescador “de bubuia” e de grandes embarcações em alto mar. Sua vida o tornou guardador de diversas histórias da natureza amazônicas, “meuãs”, que borram os limites entre ficção e realidade.



Roberto Carlos Dias dos Anjos

Natural da Vila do Conde, do dia primeiro de dezembro de 1966. É escritor e mantém em sua oralidade as estórias da região. É também responsável pela manutenção e desenvolvimento da Escola da Montanha, que por anos recebeu seu próprio nome em homenagem da prefeitura de Barcarena. Professor e pedagogo, atualmente assessor da Secretaria de Educação na formação profissional de novos educadores.



Ronny Nascimento

Nivaldo Oliveira do Nascimento, conhecido nacionalmente pelo nome artístico “Ronny Nascimento”, é um dos filhos da Ilha das Onças, em Barcarena, e discípulo do mestre da guitarrada, Vieira. Depois de ser jogador de futebol, virou artista de renome, lançando seis vinis e cinco CD’s desde os anos 1980. É compositor de um dos símbolos de sua cidade, o “Samba de Barcarena”.



Sandra Georgete dos Santos Amorim

Sandra é barcarenense do dia 28 de julho de 1969, filha do quilombo Sítio São João. Em importante ação coletiva, no início dos anos 2000, foi uma das impulsionadoras dos estudos biológicos, arqueológicos e antropológicos que comprovaram o componente indígena e afrodescendente da terra de seus antepassados. Instaurado o quilombo, continua a luta pela preservação ambiental de Barcarena, respeito às terras tradicionais e representatividade política.



Silvio Angelim dos Anjos

Nascido no 23 de novembro de 1982, é filho da Vila do Conde, Barcarena, e atualmente almoxarife. Silvio é representante da ativa comunidade católica da Vila, tendo sido criado na juventude da Obra Nova. Busca fazer presente a cultura nortista com o seu Grupo Remanso, que apresenta carimbó, xote, lundu, brega e forró, entre outros ritmos.



Valter dos Santos Freitas

Conhecido atualmente por Mestre D’Bubuia, nasceu em 31 de julho de 1958, no quilombo Gibrié de São Lourenço, nas margens dos rios de Barcarena. Desde criança é pescador e, nos anos 1990, resolveu traduzir sua vivência amazônica e quilombola nas cordas do banjo: tornou-se mestre do carimbó, e prepara seu primeiro disco.



Wagner Rolins da Silva Alves

Do dia 22 de fevereiro de 1970, é maranhense de Caxias. Foi militar e gerente de diversas empresas. Atualmente usa tal experiência na administração de sua loja de materiais hidráulicos, no bairro Novo Horizonte, onde também foi presidente da associação de moradores desde 2014.

Fontes de pesquisa

Dicionário informal. Disponível em: [https://www.dicionarioinformal.com.br/curuper%C3%AA/](https://www.dicionarioinformal.com.br/curuper%C3%AA/;);

BOUDIN, Max H. Dicionário de Tupi Moderno (Dialeto tembé-tênêthar do alto do rio Gurupi). São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.

RICCI, Magda. Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840. Tempo [online]. 2007, vol.11, n.22 [cited 2020-11-07], pp.5-30.

Mundo educação <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/cabanagem.htm>; Acesso: 05 nov. 2020.

PARÁ. Plano de manejo do Parque Estadual do Utinga. Belém: Secretaria de Estado de Meio Ambiente (SEMA), 2013.

BOUDIN, Max H. Dicionário de Tupi Moderno (Dialeto tembé-tênêthar do alto do rio Gurupi). São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.

GUIMARÃES, Luiz Antônio Valente. De chegadas e partidas: migrações portuguesas no Pará (1800-1850). Tese (Doutorado). Universidade Federal do Pará. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História. Belém, 2016.

FAUSTO, Boris. História do Brasil. 14 ed. São Paulo: EDUSP, 2019.

ESTUMANO, Jacobson [et al]. Barcarena: cidade da gente.

Estudos regionais. Fundamental I. Fortaleza, Ceará: Didáticos Editora, 2018.

IDESP – Instituto do Desenvolvimento Econômico-Social do Pará. Relatórios de Pesquisas: Repercussões socioeconômicas do Complexo Albras-Alunorte em sua área de influência imediata. Belém: SUDAM, 1988. p.31. apud. PARÁ. Plano Municipal de Habitação de Interesse Social. Secretaria Municipal de Planejamento e Articulação Institucional (SEMPILA). Barcarena: Maio, 2018, p.35.

Dicionário Terminológico Bilingue – Plantas (ESALQ-USP)

Disponível em: <https://www.esalq.usp.br/d-plant/node/1860>.

Hydro: Disponível em : <https://www.hydro.com/pt-BR/sobre-a-hydro/a-hydro-no-mundo/south-america/brasil/barcarena/albras/>;

SILVA, Flávia Adriane Oliveira da e BORDALO, Carlos Alexandre Leão. Uma Análise Socioambiental do Rio Murucupi em Barcarena-PA. Apresentação de trabalho/seminário. 2010. Disponível em: <http://www.anppas.org.br/encontro5/cd/artigos/GT9-154-861-20100903212419.pdf>;

BARCARENA. Inventário da oferta turística de Barcarena. Departamento de Turismo – DETUR, da Secretaria de Indústria, Comércio e Turismo – SEICOMTUR. Barcarena, 2010.

MACHADO, Brena Regina Lopes; SILVA, Hyngrid Athe Conceição e LIRA, Jonatha Rodrigo de Oliveira. Migração e desenvolvimento: uma análise do município de Barcarena-PA. Novos Cadernos NAEA. v. 22, n. 3, p. 177-198; set-dez 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/6497>; Acesso: 09 nov. 2020.

GUIMARÃES, Luiz Antônio Valente. De chegadas e partidas: migrações portuguesas no Pará (1800-1850). Tese (Doutorado). Universidade Federal do Pará. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História. Belém, 2016.

Colégio Anglo-Americano. Disponível em: <https://www.angloamericano.edu.br/nossahistoria/>; Acesso: 09 nov. 2020.

Colégio Anglo Americano Barcarena - Pará. Comunidade. Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/Col%C3%A9gio-Anglo-Americano-Barcarena-PA-149560495233657/?ref=page_internal;

TORRES, Danielly Gurjão. A ictiofauna e a atividade pesqueira na Ilha das Onças, Barcarena-Pará. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em Ecologia Aquática e Pesca. Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Pará (UFPA). Belém, 2013.

MOREIRA, Bruno Henrique Colombari. Ocupações irregulares em pequenas cidades da Amazônia: um estudo em Vila dos Cabanos, Barcarena, Pará, no período de 2005 a 2015. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional. Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos (SP), 2016.

PANTOJA, M.C.; FERREIRA, V.S.; SIQUEIRA, J.L.P.

Potencial do Guarumã como bioadsorvente para remoção de metais em solução aquosa. 55º Congresso Brasileiro de Química. Recursos Renováveis: Inovação e Tecnologia. Resumo. Goiânia, 2015.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/tracueteua/historico>;

Companhia Docas do Pará – Autoridade portuária.

Disponível em: <https://www.cdp.com.br/porto-de-vila-do-conde>; Acesso: 10 nov. 2020.

FGV CPDOC. Disponível em : <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/movimento-brasileiro-de-alfabetizacao-mobral>.

BARCARENA. Inventário da oferta turística de Barcarena. Departamento de Turismo – DETUR, da Secretaria de Indústria, Comércio e Turismo – SEICOMTUR. Barcarena, 2010.

ESTUMANO, Jacobson [et al]. Barcarena: cidade da gente. Estudos regionais. Fundamental I. Fortaleza, Ceará: Didáticos Editora, 2018.

CARAVEO, Saulo Christ. A nascente de um rio e outros cursos – a guitarrada de Mestre Vieira. Dissertação (Mestrado em Artes). Programa de Pós-Graduação em Artes, UFPA, Belém, 2019.

BARCARENA. Inventário da oferta turística de Barcarena. Departamento de Turismo – DETUR, da Secretaria de Indústria, Comércio e Turismo – SEICOMTUR. Barcarena, 2010.

Instituto Museu da Pessoa

Associados

Ana Wilhelm | Carla Nóbrega |
Carlos Seabra | Carolina Misorelli |
Celia Picon | Cláudia Leonor | Daniela
de Rogatis | Elza Lobo | Fernando Von
Oertzen | Heloisa Nogueira | Immaculada
Prieto | Iris Kantor | José Matos | José
Mauger | Karen Worcman | Luiz Egypto |
Marcia Trezza | Maria Francisca Passos |
Mauro Malin | Roberto da Silva | Rosali
Nunes | Rosana Miziara | Sandra Sinicco |
Sergio Ajzenberg (in memoriam) | Sonia
London | Silvia Carvalho | Zilda Kessel

Conselho Consultivo

Alberto Dines (in memoriam) | Celia
Picon | Danilo Miranda | Eliezer Batista
(in memoriam) | Lisandra Alves | Octavio
Barros | Paul Thompson | Paulo Nassar |
Roberto da Silva | Tom Gillespie |
Wellington Nogueira

Conselho de Gestão

Beatriz Azeredo | Carla Nóbrega | Gustavo
Gonzaga | Tiago Lara

Conselho Fiscal

José Mauger | Leandro Salatti | Maria
Francisca Passos

Comitê de Compliance

Cynara Reinert | José Mauger | Luiz
Egypto | Maria Francisca Passos

Conselho Diretor

Karen Worcman

Diretor Executivo

Marcos Terra

Relações Institucionais e Governamentais

Rosana Miziara

Museologia

Lucas Lara | Felipe Rocha | Renata Pante |
Beatriz Alves | Davi Moyano | Leonardo S.
Sousa | Lupity Rossetto | Teresa Carvalho |
Natália Santiago

Colaboração

Marcela Lanza Tripoli | Marcia Trezza |
Sônia Helena London | Sofia Tapajós |
Jonas Samaúma | Aline Scolfaro | Angela
Rangel | Edilzamar Serrano

Museu digital

Odilon Gonçalves | Isadora Catem Santos |
Carolina Andrade | Erik Allan Araújo |
Leandro Almeida | Thiago Magalhães

Gestão e Operação

Ricardo Vilardi | Allan Russo Fava | Anna
Russier | Dalci Alves da Silva | Erika Viana
Santos | Eduardo Valente | Renato Herzog |
Lucas Torigoe | Ane Alves

Oferecimento



Memórias de Barcarena

Pesquisa

Danilo Eiji Lopes
Lucas Torigoe

Edição

Marcus Aurélius Pimenta

Projeto Gráfico

Editora Olhares

Revisão

Maria Fernanda Alvares

Produção Local

Samuel Willy dos Santos Amorim

Fotos / Vídeos

Little Stories

LED Produções

Acervo pessoal dos entrevistados

Apoio a Pesquisa Local

Jacobson José Estumano Santos

Lia Apolaro

Luiz Antonio Valente Guimarães

Nair Dias Serrão

Nazareno Muniz

Laura Amélia Marques da Costa

Naná Melo

Laura Kosak

Aldenora do Socorro Silva

de Oliveira Cravo

Irene da Silva Gomes

José Edson Maciel

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Hydro / Albras

Domingos Campos Neto

Eduardo Figueiredo
Fadwa Andrade Mohamadieh
Joseana Mesquita
Bianca Scheuermann
Edson Maciel
Jheice Lobato
Nayara Santos
Eduardo Avila Lutz
Pablo Azevedo

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Entrevistados

Antonio Palheta dos Santos

Benedito Zacarias Azevedo Silva
Irene da Silva Gomes
Lia Apolaro do Nascimento
Luiz Antonio Valente Guimarães
Maria de Nazaré Menezes
Mário Assunção do Espírito Santo
Nazareno Marinho Muniz
Raimundo Correia Espindola
Roberto Carlos dos Anjos
Ronny Nascimento
Sandra Georgete dos Santos Amorim
Silvio Angelim dos Anjos
Valter dos Santos Freitas
Wagner Rolins da Silva Alve

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização

Realização





Oferecimento



Realização

MUSEU DA
PESSOA